

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**GESTÃO PATRIMONIAL NAS VÁRIAS ÁREAS  
DE ACTUAÇÃO NO PALÁCIO NACIONAL DE  
MAFRA**

PAULO RICARDO LOURENÇO MARQUES

Relatório de Estágio orientado pelo Professor Doutor Fernando Grilo,  
especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre em História  
da Arte e Património.

2019

## ***Resumo***

Este relatório representa o trabalho concretizado no Estágio Curricular realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte e Património, da FLUL, e teve lugar no Palácio Nacional de Mafra. Teve como área principal o desenvolvimento do plano de conservação preventiva, e por vontade própria, travar conhecimento e experienciar as várias atividades concebidas no PNM ao nível da gestão patrimonial.

O Convento/Palácio Nacional de Mafra, é uma obra megalómana. O edifício alberga um Paço Real, um Convento, uma Basílica e uma Biblioteca, que pela sua importância arquitetónica, e de seu espólio, ganha uma posição significativa.

Em 1910 o Paço Real é decretado monumento nacional, abrindo portas logo em 1911 com a designação, que ainda hoje mantem – Palácio Nacional de Mafra (PNM). Sendo que o edifício na sua totalidade está dividido por várias instituições: Escola de Armas (desde 1841) e a Câmara Municipal de Mafra.

O Palácio Nacional de Mafra alberga uma enorme coleção de peças nas mais variadas tipologias, procurando sempre a sua boa conservação, estudo e salvaguarda. Utilizando para isso a grande experiência dos técnicos do Palácio, que procuram, dentro das suas possibilidades, a aplicação e execução das normas, métodos e procedimentos corretos da conservação preventiva.

Em 2009 o PNM inicia a criação de um plano de conservação preventiva, que atualmente não se encontra em vigor devido à falta de recursos humanos e económicos que condicionaram a sua conclusão. Este documento é essencial por ser formulado por procedimentos baseados em estudos pontuais dos problemas e necessidades do Palácio Nacional de Mafra e da sua coleção, organizando e compilando fatores importantes para um conhecimento concreto do Palácio e do seu meio.

A organização e complementação do plano de conservação preventiva do Palácio Nacional de Mafra é um dos temas abordados neste relatório, assim como as funções exercidas durante o estágio curricular – que tiveram ligações diretas a este tópico – e outros tipos de encargos, ligados à gestão patrimonial, que serviram não só para o conhecimento mais aprofundado das funções desenvolvidas numa instituição museológica, mas também para uma disposição de versatilidade exigida nesta área.

**Palavras-chaves:** Palácio Nacional de Mafra; Conservação preventiva; salvaguarda do Património Cultural; plano de conservação preventiva.

## ***Abstract***

*This report represents the work carried out in the Curricular Internship, in the ambit of the Masters in History of Art and Heritage, of FLUL, which took place in the National Palace of Mafra, having as the main area the development of the preventive conservation plan, and of its own volition, knowledge and experience the various activities conceived in the PNM at the level of heritage management.*

*The Convent / National Palace of Mafra, is a megalomaniacal work, the building houses a royal palace, a convent, a basilica and a library, which for its architectural and spolio importance gains a significant position.*

*In 1910 the Royal Palace was decreed a national monument, opening doors soon in 1911 with the designation, that still maintains today, of National Palace of Mafra (PNM). Being that the building in its totality is divided by several institutions: School of Arms (from 1841) and the Municipality of Mafra.*

*P.N.M. houses a huge collection in the most varied types, always looking for its good conservation, study and safeguard. Using the great experience of the palace technicians, who, within their possibilities, seek the application and execution of the correct norms, methods and procedures of preventive conservation.*

*In 2009 the P.N.M. initiated the creation of a preventive conservation plan, which is not yet in force, due to the lack of human and economic resources that conditioned its conclusion. This document is essential because it is formulated by procedures based on specific studies of the problems and needs of the National Palace of Mafra and its collection and organizing and compiling important factors for a concrete knowledge of the palace and its surroundings.*

*The organization and complementation of the preventive conservation plan of the National Palace of Mafra is one of the topics addressed in this report, as well as the functions carried out during the curricular traineeship - which had direct links to this topic - and other types of charges related to heritage management, which served not only to gain a deeper understanding of the functions carried out in a museum but also to an array of versatility required in this area.*

***Key-words:*** *National Palace of Mafra; Protection of Cultural Heritage; Preventive Conservation; Preventive Conservation Plan.*

### *Agradecimentos*

Gostaria de agradecer aos vários técnicos pelos conhecimentos partilhados e aos vigilantes do Palácio Nacional de Mafra, em especial à Dra. Gabriela Cordeiro, à Dra. Isabel Yglesias de Oliveira, à Dra. Maria João Brandão, ao Dr. Sérgio Gorjão e ao Director Dr. Mário Pereira, pela sua disponibilidade e afecto.

Ao Professor Doutor Fernando Grilo, pela sua disponibilidade e orientação.

Deixo um especial agradecimento pelo apoio incondicional recebido e pela amizade que proporcionam a Flávia Moreira e Henrique Natário.

## *Siglas e Abreviaturas*

**APNM** – Arquivo do Palácio Nacional de Mafra

**CMM** – Câmara Municipal de Mafra

**DGPC** – Direção-Geral do Património Cultural

**EA** – Escola de Armas

**FLUL** – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**HR** – Humidade Relativa

**IJF** – Instituto José de Figueiredo

**IMC** – Instituto dos Museus e da Conservação

**MEC**- Museu de Escultura Comparada

**IPPAR** – Instituto Português do Património

**PLM** – Paulo Lourenço Marques

**PNA** – Palácio Nacional da Ajuda

**PNM** – Palácio Nacional de Mafra

## *Índice*

Siglas e Abreviaturas .....	7
Introdução .....	9
<i>CAPÍTULO I  O Palácio Nacional de Mafra</i> .....	11
1.1. Contexto Histórico do Palácio Nacional de Mafra.....	11
1.2. Acervo do Palácio Nacional de Mafra .....	14
1.3. Campanhas de Obras.....	15
<i>CAPÍTULO II  Estágio Curricular no PNM</i> .....	17
2.1. Objectivos do Estágio Curricular .....	17
2.2. Descrição das actividades realizadas no Estágio Curricular .....	18
<i>CAPÍTULO III  Projecto: O Núcleo de Arte Sacra e a Reserva de Pintura</i> .....	38
3.1. Avaliação e aplicação de princípios da conservação preventiva em duas salas específicas .....	38
3.2. Núcleo de Arte Sacra .....	44
3.3. Reserva de Pintura .....	49
Considerações Finais .....	53
Bibliografia .....	55
Anexos .....	57
Anexo Fotográfico .....	58
1ª Fase do Relatório Hierárquico das Patologias do Edifício: Piso Nobre/Reservas .....	86
1ª Fase do Relatório Hierárquico das Patologias do Edifício: Núcleo de Arte Sacra e Núcleo Conventual.....	94



## ***Introdução***

O conteúdo deste relatório reflete o meu interesse pela área do património, da sua gestão, e pelo importante monumento que é o Palácio Nacional de Mafra. Mediante alguns trabalhos teóricos desenvolvidos no primeiro semestre travei conhecimento com a equipa técnica do Palácio Nacional de Mafra, e a inexistência de um plano de conservação preventiva criado especificamente para o PNM.

Por iniciativa própria, apresentei uma proposta de realizar o estágio curricular no PNM, com o objetivo de, entre outras tarefas, desenvolver o plano de conservação preventiva desenvolvido pela Dra. Gabriela Cordeiro (PNM) e pela Dra. Gabriela Carvalho (IJF-Instituto José Figueiredo). Após a aquisição de imprescindíveis bases teóricas nos seminários do primeiro ano do Mestrado – História da Arte e Património – o estágio torna-se uma oportunidade de não só pôr em prática esses conhecimentos, mas também de conhecer as várias funções exercidas na instituição museológica e entender onde as minhas aptidões têm um melhor desempenho.

O presente trabalho divide-se em três partes. A primeira, tem por objetivo a contextualização do Palácio Nacional de Mafra, da sua coleção e do seu percurso expositivo.

Ao contrário de museus criados de raiz para um propósito expositivo, os edifícios históricos foram concebidos com o propósito de serem habitados ou de utilização diária e funcional, desta forma é necessário considerar que não estão implementados, sendo alguns casos quase impossível, mecanismos de controlo total sobre os vários fatores de risco à conservação. Mesmo surgindo uma iniciativa e capacidade de aplicação destes mecanismos é necessária uma ponderação sobre os seus efeitos sobre a coleção devido às peças terem a capacidade de se adaptar a certas condições, e a alteração destas pode trazer um efeito negativo.

Um fator de risco, mas comum, nestes edifícios são as patologias evidentes no próprio imóvel, devido à erosão do tempo e do meio envolvente. Esta reflexão cruza dados com as experiências vivenciadas e casos pontuais observados durante o estágio curricular.

Na segunda parte, é feita a descrição das tarefas realizadas no estágio curricular exercido no Palácio Nacional de Mafra. Como já referido, as tarefas realizadas no estágio foram diversas e em grande número, algumas estritamente ligadas à conservação preventiva, como a criação de um relatório escrito e fotográfico das patologias ao nível do edifício, observadas nos percursos expositivos. Enquanto outras direccionavam-se para a gestão patrimonial, como a desmontagem (e.g. exposição temporária<sup>1</sup>) e montagem de exposições.

A terceira parte deste trabalho, debruça-se na avaliação dos espaços e aplicação das normas e procedimentos da conservação preventiva em dois casos pontuais (Núcleo de arte sacra e Reserva de pintura), não de forma a reprimir a sua situação actual, mas a encontrar métodos e soluções mais adequadas aos procedimentos da conservação preventiva, tendo em conta o seu estado e as possibilidades do PNM.

---

<sup>1</sup> Exposição *Do tratado à obra. Génese da arte e arquitectura no Palácio de Mafra*, 2018.

## CAPÍTULO I/ O Palácio Nacional de Mafra

### 1.1. Contexto Histórico do Palácio Nacional de Mafra

O Palácio Nacional de Mafra (PNM), que usualmente é designado por *Convento de Mafra*, é um edifício monumental de estilo barroco composto por um Paço Real, um Convento Franciscano, uma Basílica e uma Biblioteca. A área de implantação deste edifício é de 37 790 m<sup>2</sup> com uma área de pavimentos de 105.000m<sup>2</sup>, com 300 celas, 154 escadarias, 29 pátios e 4500 portas e janelas, e um magnifico conjunto de 92 sinos, recentemente em campanha de restauro<sup>2</sup>.

A fachada principal tem um comprimento de 232 m, tendo nos seus limites dois torreões, com a Basílica como eixo central. Por trás encontra-se os antigos terrenos de caça e lazer, a Tapada de Mafra, agora como identidade autónoma e separada. Torna-se assim a materialização da autoridade, centralismo e poder do rei

Mandado erigir por D. João V (1689-1750), com o ouro que provinha do Brasil, o quinto de ouro<sup>3</sup>, a direcção da obra, à *romana*<sup>4</sup>, ficou a cargo de João Frederico Ludovice<sup>5</sup> (*Johann Friedrich Ludwig*), referido como arquitecto-real (arquitecto-mor no reinado de D. José I) devendo, ainda, referir nomes como Carlos e António Baptista Garvo – entre outros –, mas Ludovique é o “*maestro*” do gosto de corte<sup>6</sup>. É obvio que a aprovação do rei, no seguimento do vaticínio feito pelo Frei António de S. José<sup>7</sup>, tinha como principal objectivo a construção de um convento de franciscanos arrábidos.

As obras iniciaram-se em 1717, aquando o lançamento – pelas mãos do próprio rei – da primeira pedra<sup>8</sup>. O projecto inicial, que se debruçava a construir um pequeno

---

<sup>2</sup> Teresa Vale e Carlos Gomes 1995 - Paula Tereno 2017. DGEMN: [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=6381](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6381)

<sup>3</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *D. João V*, 2009. Pág. 224-228

<sup>4</sup> GORJÃO, Sérgio, PEREIRA, Paulo, *Do tratado à obra. Génese da arte e arquitectura no Palácio de Mafra*, 2017, pág.17

<sup>5</sup> Arquitecto e ourives alemão - Pedreirinho, José Manuel. GORJÃO, Sérgio, PEREIRA, Paulo, *Do Tratado à Obra. Génese da Arte e Arquitectura no Palácio de Mafra*, 2017, pág. 13

<sup>6</sup> *Idem*, pág.42

<sup>7</sup> Também conhecido por Frei António da Índia.

<sup>8</sup> GORJÃO, Sérgio, PEREIRA, Paulo, *Do Tratado à Obra. Génese da Arte e Arquitectura no Palácio de Mafra*, 2017, pág. 25. Refere-se ao início da basílica e do convento.

convento para 13 frades, terá tido quatro fases de concepção e edificação<sup>9</sup>, culminando num convento com a capacidade de 300 frades e um palácio.

Esta última fase, decidida pelo rei entre 1720-21, de 80 passa para 300 o número de frades que o convento albergaria, recai sobre João Ludovice<sup>10</sup> o delineamento de uma igreja de grande porte e das dependências conventuais. A igreja mantém-se com o desenho inaugural<sup>11</sup>, sendo as modificações ao nível das dependências claustrais e da criação ou necessidades do palácio. A sua localização foi escolhida pelo próprio D. João V, que vai privilegiar um ponto elevado com vista para o mar, com contacto com a natureza e, obviamente, com a caça. *Por ordem d'El Rey exame do sitio mais oportuno para se edificar o convento (...)*<sup>12</sup>.

Frei Cláudio da Conceição<sup>13</sup> refere em certa altura (1728) a presença de 50.000 homens<sup>14</sup>, porém devido a haver imensos “incapazes” neste número, não se pode averiguar os que realmente trabalharam na obra. Compreende-se que o número rondara os 15.470, durante o período mais decisivo da obra em 1730. É de referir que estão registadas sucessivas fugas de trabalhadores, e até de soldados, tendo-se conhecimento de várias greves e revoltas. Os que fossem apanhados seriam obrigados a um trabalho



**Fig. 1** – Busto de D. João V, A. Giusti, 1748  
(Arquivo PNM)

<sup>9</sup> GORJÃO, Sérgio, PEREIRA, Paulo, *Do Tratado à Obra. Génese da Arte e Arquitectura no Palácio de Mafra*, 2017, pág. 26

<sup>10</sup> Escolhido já a partir da 3ª fase do projecto.

<sup>11</sup> GORJÃO, Sérgio, PEREIRA, Paulo, *Do Tratado à Obra. Génese da Arte e Arquitectura no Palácio de Mafra*, 2017, pág. 27

<sup>12</sup> PRADO, Fr. João de São José do, *Monumento sacro da fabrica, e soleníssima sagração da santa basílica do real convento de Mafra*, Lisboa, 1751. – GORJÃO, Sérgio, PEREIRA, Paulo, *Do tratado à obra. Génese da arte e arquitectura no Palácio de Mafra*, 2017, pág.32

<sup>13</sup> Gabinete Histórico, Lisboa, 17 vols. 1818-1831.

<sup>14</sup> GORJÃO, Sérgio, PEREIRA, Paulo, *Do Tratado à Obra. Génese da arte e arquitectura no Palácio de Mafra*, 2017, pág.52

de “quási” escravidão, ao terem que trabalhar 3 meses sem serem pagos, porém se fosse recorrente seriam direccionados para as galés e açoites (entre outros mais castigos graves).

Devido às dificuldades apresentadas no transporte da pedra, com más vias de acesso, que não facilitavam a distribuição, esta era recolhida de zonas próximas, destacando Pêro Pinheiro<sup>15</sup>, a madeira das zonas de Mafra, Torres Vedras e do Pinhal de Leiria, da região do Algarve, Douro-e-Minho, Sacavém e Alenquer o tijolo. Conhecêsse também o transporte de variadas matérias.

Com tamanha concentração de operários na realização do convento-palácio nasce em volta da antiga vila uma verdadeira cidade efémera, denominada “ilha de madeira”, definida como uma infraestrutura de acolhimento dos trabalhadores. Neste conjunto – entre outros estabelecimentos – existiriam muitas casas de madeira, um mercado, as *cavalharices* do rei, e a seu mando foi criado um hospital (com várias enfermarias) para albergar os doentes ou “incapacitados” pelos labores, com uma capacidade superior a 500 pacientes. Este sistema iria mais tarde dar origem à actual vila de Mafra, mais especificamente na sua expansão para leste.

Os sistemas de água – captação das fontes vindas das tapadas para adução do estaleiro e convento –, são complexos e oferecem um grande grau de sofisticação ao nível da engenharia empregada, complementado com as duas caixas das cloacas, simetricamente dispostas (Sul e Norte), interligado com a circulação das águas pluviais, que partiam do sistema de adução do pátio. Não deixando de referir, também, os esgotos e latrinas – sistemas bastante amplos e visitáveis (onde não existam ratazanas gigantes albinas ferozes, pelo menos, até à data, nunca se encontrou nenhuma).

A fachada principal é ocupada pelo palácio, ou paço real, sendo os mezaninos (último piso) as zonas de habitação para criados<sup>16</sup>. Os torreões que ficam nos limites do edifício serviam de aposentos para o rei e para a rainha, tendo uma distância entre si de 232 m. Sendo que a Norte ficava os aposentos do rei, e a Sul os da rainha. Embora

---

<sup>15</sup> Possivelmente Morelena, topónimo nas cartas de 1700-30.

<sup>16</sup> É o único local onde ainda se podem encontrar os tabicos de madeira, que dividiam as zonas palacianas criando um segundo nível por sala, implementados em princípio por D. João VI, e retirados em campanhas de obras nos anos 20 do séc. XX.

D. João V não tenha vivido no Palácio, atendia as várias festas religiosas que se concretizavam na basílica.

Apenas com D. João VI, o palácio será usado como moradia durante um ano completo até à sua fuga e a da corte para o Brasil, em 1807. Como vários palácios nacionais, o Palácio de Mafra, tornou-se destino de férias ou de visitas esporádicas por parte da realeza e da sua corte. Foi também no real palácio de Mafra que Manuel II passou a sua última noite antes de embarcar para o exílio. Em 1907<sup>17</sup>, é promulgado Monumento Nacional, tornando-se museu em 1910<sup>18</sup>, sendo que em 1911 abre portas, iniciando as suas “funções” culturais e lúdicas.

### ***1.2. Acervo do Palácio Nacional de Mafra***

O acervo do Palácio Nacional de Mafra encontra-se na sua maioria em exposição, sem contar com as peças inseridas em salas fechadas (devido à falta de vigilantes) e a maioria dos paramentos e alfais religiosas, sendo que determinadas peças ainda são usadas em celebrações religiosas. Com um número variado de tipologias, reúne não apenas peças do Paço Real, mas também, equipamentos e utensílios utilizados no Convento.

O acervo do PNM é composto por um variado número de tipologias, passando pelo mobiliário – incluindo o mobiliário conventual e palaciano –, pela pintura – destacando-se as obras da escola italiana do século XVIII, e realçando as obras do século XIX de artistas conceituados como Silva Porto, Malhoa, João Vaz e Carlos Reis. Também os metais, a cerâmica, vidros e ourivesaria são algumas das tipologias que se encontram, destacando os têxteis – consistindo especialmente em paramentos religiosos, tanto para celebrantes e acólitos como para utilização na basílica – presentes no Palácio Nacional de Mafra.

Sendo uma das colecções mais importantes do PMN, com proveniência de Itália e França, a Escultura, que tem o seu expoente máximo nas obras observadas na basílica – encomendas de D. João V a mestres italianos –, distingue-se a nível nacional como uma das mais significativas colecções de escultura barroca. Nesta colecção

---

<sup>17</sup> Decreto de 10 -1-1907.

<sup>18</sup> Decreto de 16-6-1910.

destaca-se, ainda, o busto de D. João V (*fig.1*), exposto na *sala da bênção*, considerado por José Augusto França, o melhor do século XVIII, em Portugal.

É de constar ainda os estudos em terracota das encomendas, que tiveram em destaque na exposição: *Do tratado à obra Génese da Arte e Arquitectura no Palácio de Mafra*. E, ainda, a sua colecção de livros – uma das mais importantes ao nível artístico e histórico, com um número superior a 40.000, sendo que a Biblioteca e o seu espólio são um núcleo autónomo.

### 1.3. Campanhas de Obras

Estes registos das campanhas de obras realizadas no Palácio Nacional de Mafra, são mencionadas devido a importância que tiveram durante a resolução do estágio, nas várias tarefas cumpridas, especialmente na criação do plano hierárquico de patologias do edifício. Os documentos técnicos das obras e estudos efetuados tiveram a função crucial de comparação e averiguação das evoluções das patologias encontradas atualmente, de forma a melhor se compreender o estado de conservação do Palácio.

<b>DGEMN</b>	<b>1955 - 1958</b>	<i>-Diversos trabalhos de conservação pelo Serviço dos Monumentos Nacionais</i>
	<b>1993</b>	<i>- Intervenção na pintura do tecto da Sala dos Camaristas, com limpeza e levantamento de vernizes e repintes, colocação de massas, reintegração cromática, aplicação de fungicida e protecção final</i>
	<b>1994 - 1995</b>	<i>-Beneficiação da rede eléctrica e de segurança, restauro do jogo mecânico do carrilhão da torre sul; Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra: - intervenção na pintura do tecto da Sala dos Camaristas, com limpeza e levantamento de vernizes e repintes, colocação de massas, reintegração cromática, aplicação de fungicida e protecção final</i> <i>- Intervenção em dois painéis e tecto na Sala do Trono, com remoção de repintes, vernizes e massas, reintegração cromática, aplicação de fungicida e protecção final com resina acrílica</i> <i>- Intervenção no sacrário de talha dourada da Sacristia, com fixação da folha de ouro, desinfestação e consolidação da madeira, limpeza e fixação dos elementos de talha destacados, manufatura e colocação dos elementos em falta, integração cromática.</i>

IPPAR	1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 – 1999	<p><i>-Programa de revitalização e recuperação de fachadas e coberturas, nomeadamente limpeza das fachadas, rebocos e pintura do exterior e dos pátios e claustros; arranjo, limpeza e conservação das coberturas; conclusão da limpeza, tratamento de conservação e consolidação as superfícies arquitectónicas e ornamentos da galilé, orçados em 6 040 000\$00 escudos; restauro do sacrário da Capela do Santíssimo, com desinfestação e consolidação da madeira, limpeza, fixação de policromias e altares de ouro, orçado em 2 560 000\$00 escudos;</i><sup>19</sup></p>
-------	---	--

<sup>19</sup> Teresa Vale e Carlos Gomes 1995- Paula Tereno 2017. DGEMN:  
[http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=6381](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6381)



## CAPÍTULO II| *Estágio Curricular no PNM*

### *2.1. Objectivos do Estágio Curricular*

O objectivos concebidos para o estágio desenvolvido no Palácio Nacional de Mafra podem-se dividir em três segmentos. O tronco principal, ou, objectivo principal seria a leitura, actualização, desenvolvimento e organização do plano de conservação preventiva do Palácio e dos documentos associados, que até à data não se encontra em vigor nem concluído, sendo que seria necessário dispensar um maior número de horas, do que foi estipulado para este estágio curricular. O objectivo não era o desenvolvimento integral e completo do plano de conservação preventiva, mas complementá-lo tendo em consideração as especificações do Palácio Nacional de Mafra. Tendo em conta o desenvolvimento do plano de conservação teórico, foi necessário estabelecer uma ligação prática, observando e intervindo nas práticas de conservação – preventiva e curativa.

Sendo o estágio curricular um contacto mais próximo com instituições interligadas ao património português e ao mercado de trabalho, houve o objectivo inerente de experienciar a multidisciplinaridade das acções exercidas na instituição, estando obviamente e intrinsecamente ligadas à gestão patrimonial da instituição e das suas peças. Aproveitando este contacto directo para enriquecer os conhecimentos dos variados tipos de tarefas realizadas no Palácio, assim como aprimorar a necessidade e capacidade de versatilidade exigida neste tipo de instituições. Não podendo de deixar de notar que o estágio foi concluído em pouco mais de um mês – não só devido aos horários praticados<sup>20</sup>, mas também devido à distância da instituição e dos valores monetários dos transportes.

Desta forma sem perder o intento de desenvolver o plano de conservação preventiva, existiu o propósito de, se possível, observar e interagir nos vários segmentos que constituem a estrutura do PNM: inventariação; museologia; projetos de pesquisa; gestão de espaços; mobilização de peças e acondicionamentos; assistência

---

<sup>20</sup> A média das horas praticadas foram entre as 9/10 horas.

em eventos; entre outros. Devido a mudanças estruturais na equipa, houve uma maior anuência no meu envolvimento nestas tarefas.

Por último, descrito no *Capítulo III*, aconselhado pelo orientador deste trabalho, o Professor Doutor Fernando Grilo, descrevo a aplicação das normas e métodos de conservação preventiva em determinadas salas, de cariz teórico. O objectivo é utilizar os conhecimentos e observações adquiridas durante o estágio, principalmente o estado de conservação das peças e do edifício, as formas de acondicionamentos das peças, as sua tipologias e patologias tendo em conta as particularidades do meio envolvente e das necessidades observadas, pontualmente, nas salas escolhidas. Sendo que para este propósito o núcleo de arte sacra e a reserva de pintura foram as salas seleccionadas. É de ter em conta que a reserva de pintura, que tem sido utilizada para estas funções, é considerada uma reserva temporária, até haver os recursos necessários para se criar uma sala que satisfaça os requisitos exigidos. Tendo em conta esta situação, a referida sala foi escolhida devido aos anos que tem sido utilizada como espaço de reserva, e de não existir em vista uma mudança de espaços – considerando assim que esta mudança pode não vir a ser concretizada –, no entanto podem ser aplicadas medidas que amenizem os problemas observados.

## ***2.2. Descrição das actividades realizadas no Estágio Curricular***

O estágio curricular do Mestrado em História da Arte e Património, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que ocorreu no Palácio Nacional de Mafra, foi iniciado sob orientação do Professor Doutor Fernando Grilo, e com a supervisão inicial, no local, da Doutora Gabriela Cordeiro – gestora da colecção – e posteriormente com a supervisão da Doutora Isabel Yglesias de Oliveira – Relações Públicas e Comunicação – após a transferência (substituição) permanente da Doutora Gabriela Cordeiro para o Palácio Nacional da Ajuda.

O estágio teve a duração de 240 horas, e durante a sua concretização usufrui imenso da amabilidade, partilha de conhecimentos e de experiência oferecida pelos funcionários do Palácio Nacional de Mafra – técnicos e vigilantes – e terminou com uma satisfação positiva de ambas as partes.

Tendo em conta, como já referido, o número reduzido de técnicos, foi proveitoso a minha presença e ajuda, em várias acção e praticas diárias desenvolvidas para o bom funcionamento do PNM, e na interacção nos vários projectos em desenvolvimento no palácio.

As funções desenvolvidas no palácio não foram apenas desencadeadas pela “carência” observada – houve um grande interesse em poder trabalhar nas várias funções relacionadas com a gestão do edifício e do seu espólio, pois dessa forma poderia ganhar uma panóplia de conhecimentos sobre os procedimentos efectuados nas várias áreas de gestão patrimonial. Adaptabilidade é a palavra-chave para melhor descrever as tarefas realizadas neste estágio, visto terem sido variadas e dispare, mesmo que todas se insiram na mesma esfera de funções.

O relatório de patologias do edifício foi sendo desenvolvido sistematicamente ao longo de todo o percurso do estágio no PNM, utilizando maioritariamente as manhãs para a sua consolidação – também dependente das actividades a serem realizadas diariamente. Em comunhão com este relatório foi-me possível interagir nas variadas actividades realizadas no palácio, como: o estudo e organização do plano de conservação preventiva; o registo digital e acompanhamento da descida dos sinos; a pesquisa e criação de um orçamento de *data-loggers* para aquisição por parte do PNM; o acompanhamento na desinfestação de xilófagos e no relatório de patologias no mobiliário; várias vistorias ao palácio e aos seus equipamentos, principalmente às áreas superiores; a procura e registo de livros *estampilhados* na Biblioteca do PNM (projecto); organização e acompanhamento de um colóquio; desmontagem e montagem da exposição temporária e manuseamento das peças expostas; armazenamento e acondicionamento de várias peças na reserva de têxteis; presença no colóquio *Um Lugar à Mesa Real*, e também, nas visitas ao Palácio da Ajuda na função de estagiário do PNM.

Inicialmente, foi-me proporcionado uma visita rápida ao percurso expositivo dos espaços que estão sob a alçada do Palácio Nacional de Mafra (o palácio encontra-se dividido por três instituições: Palácio de Mafra; Escola de Armas; e a Câmara Municipal de Mafra. Esta visita, conduzida pela Doutora Gabriela Cordeiro, era direccionada para um pequeno grupo de convidados pessoais do Director do PNM – Doutor Mário Pereira –, na qual tive a oportunidade de me inserir, proporcionando-me uma visita guiada ao Palácio, antes de me dedicar aos trabalhos propostos para a

realização do estágio curricular. Devido à sua dimensão, a apresentação dos espaços foi feita ao longo do estágio, ficando alguns espaços por visitar como a reserva de metais.

Posteriormente, foi-me indicado os espaços onde se encontram os serviços técnicos do Palácio, e onde iria estabelecer-me na continuidade do estágio curricular. Inicialmente, e curiosamente, fui confrontado com um dos problemas fulcrais que iriam moldar, até certo ponto, o desenvolvimento prático no estágio curricular – a falta de recursos. É de referir que o Palácio Nacional de Mafra não tem identidade fiscal, e assim sendo, não é possível receber valores monetários directos, podendo apenas receber produtos ou materiais previamente comprados pelas identidades mecénicas – casos que raramente acontecem, por variadíssimas razões. Tendo isto em conta, em caso de doação presenteada (monetária), esta é direccionada para a DGPC (serviço central da administração), que pode ou não reverter esse valor para a instituição em causa. Desta forma, e apenas referindo o Palácio Nacional de Mafra (mesmo que esta situação seja recorrente e similar noutras instituições), existe uma carência na capacidade de adquirir material essencial para o bom desempenho e segurança do museu como por exemplo, a simples aquisição de baias, de forma a criar divisórias entre espaços expositivos e espaços interditos –tendo em conta que este exemplo serve apenas para referir a dificuldade de aquisição de equipamentos fundamentais. Com esta descrição, é possível ter uma noção, simples, da privação de meios com que a instituição tem que lidar, e remediar com alternativas disponibilizadas ou possíveis.

O primeiro dia desenvolveu-se a auxiliar a Doutora Gabriela Cordeiro a encontrar formas de conseguir fazer chegar as ligações de internet, ainda em ADSL<sup>21</sup>, do gabinete onde me encontrava para a sala adjacente – onde estão instalados os serviços educativos do palácio –, tendo em conta que estas funções não podem estar estagnadas. Após a difusão e instalação dos cabos, foi necessária a sua organização ergonómica de forma a prevenir danos e acidentes com transeuntes. É de salientar, que estes tipos de encargos não podem ser resolvidos pelo Palácio, visto este não ser autónomo. A resolução deste tipo de problemas fica, desta forma, à responsabilidade da DGPC<sup>22</sup>. No entanto é, e foi, necessário arranjar soluções temporárias para remediar estas dificuldades. Creio que a divulgação destes problemas – ao longo do

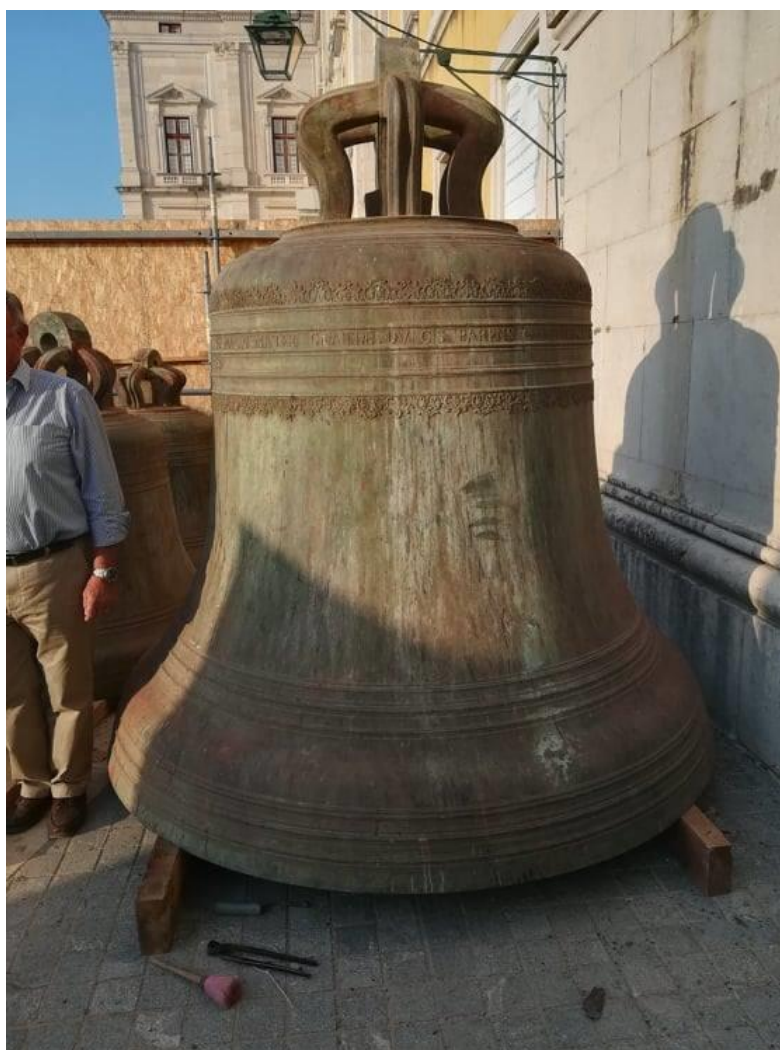
---

<sup>21</sup> Com velocidade relativamente reduzida e afectada pelo número de utilizadores.

<sup>22</sup> Até à data de conclusão do meu estágio este problema não tinha sido resolvido.

estágio curricular –, possa parecer uma atitude pouco ética, contudo foi-me possível observar, e coadjuvar, na resolução de vários acontecimentos, nos quais foi necessário uma grande capacidade e empenho por parte dos técnicos demonstrando assim um alto nível de aptidão e valor destes.

Ao instalar-me, foi-me amavelmente cedido, pela Dra. Gabriela Cordeiro, um computador portátil, que infelizmente devido à sua elevada longevidade não estava nas melhores condições, e não tinha acesso à internet, que só por si já estava sobrelotada, condicionando assim, a celeridade dos trabalhos desenvolvidos informaticamente. Curiosamente, após a entrada em funções, presenciei a descida dos sinos, que ao final de cerca de cinco horas tinham retirado quase todos (da primeira torre), “evento” que arrebatou todos os trabalhadores do PNM e moradores locais, possibilitando-me a criação de um registro fotográfico, para ser utilizado nas redes sociais do palácio e para armazenamento deste facto histórico nos arquivos do PNM.



**Fig. 2** – Sino PNM.  
Fotografia para  
proporção. (PLM)

Foi-me entregue, em conjunto com o plano de conservação preventiva, desenvolvido pela Dra. Gabriela Carvalho do Instituto José Figueiredo, uma grande quantidade de documentos de apoio necessários para um desenvolvimento mais conciso do plano. Visto haver já uma estrutura concebida, optei por organizar o conteúdo do plano de conservação preventiva, seguindo a estrutura indicada, e fazer a actualização de factores como: os registos de clima; os estados das reservas; reformulação dos percursos expositivos (aumentaram), causas e deterioração das colecções; normas e procedimentos nas várias tipologias da coleção; registos de temperatura e humidade relativa, o edifício e o seu estado de conservação.

Relativamente aos registos de temperatura e humidade relativa, não foi possível reaver os relatórios feitos sistematicamente. Os termohigrógrafos existentes no Palácio há muito que não estavam em funcionamento, dessa forma não houve uma continuidade relevante nas medições feitas no Palácio.

A pedido do Director – Doutor Mário Pereira – organizei uma lista de *data-loggers*, com os respectivos orçamentos e empresas, para se realizar um pedido à DGPC (Direcção Geral do Património Cultural), com o intuito de aquisição destes mecanismos para o Palácio Nacional da Mafra. Acto que foi necessário completar fora do palácio devido à falta ligação à internet, uma vez ser necessário contactar as empresas de comercialização destes dispositivos. A conclusão deste objectivo durou à volta de semana e meia, pois foi fundamental esperar a resposta das empresas, devido a muitas delas não terem afixados nos catálogos os valores a que são comercializados. Aquisição esta que foi aceite, mas inseria-se no plano de orçamento de 2019, já posterior à concretização do meu estágio curricular. Desta forma a utilização dos dados obtidos com os *data-loggers* para um relatório das medidas de temperatura e HR funcional, necessitariam de estar a ser estudados, numa bandeira temporal, de pelo menos um ano, para a criação de uma média concreta.

Devido às patologias observadas no edifício – comuns para um edificio do século XVIII –, e em diálogo com a Doutora Gabriela Cordeiro e o Doutor Mário Pereira, chegou-se à conclusão que, para se poder dar mais atenção à conservação preventiva da colecção seria necessário estudar as patologias existentes no edifício – “tratar-se da caixa antes de se poder tomar certas medidas no seu conteúdo” –, de forma a garantir a estabilidade estrutural e de isolamento do edifício para uma maior segurança da colecção.

É interessante notar, que existem registos bibliográficos de almoxarifes que citam problemas existentes no palácio, ainda observados nos dias de hoje (e.g. extrema humidade), referindo, também, a importância e necessidade de obras de conservação<sup>23</sup>.

Desta forma a pedido do Dr. Mário Pereira iniciei um relatório – fotográfico e escrito – sobre os danos e patologias encontradas ao nível interno do edifício, nas zonas do percurso expositivo (devido à dimensão do edifício – note-se que apenas a galeria principal que liga o torreão Sul ao torreão Norte mede 232m<sup>24</sup> - tive que me focar apenas nas zonas que estavam sobre a alçada do Palácio Nacional de Mafra e Basílica) das “reservas” e dos mezaninos (mesmo assim foram compiladas mais de 600 fotografias).

É de constar que, mesmo escolhendo apenas estes espaços, foi necessário despendar bastante tempo, de forma faseada, utilizando quase todas as manhãs (contando que estava dependente nas necessidades dos técnicos e das funções que necessitavam o meu apoio) no decorrer do estágio para a sua conclusão, tendo em conta que foi necessário observar pormenorizadamente todos os espaços e entrar em contacto com os vigilantes das respectivas salas, de forma a obter situações pontuais e mais discretas, facilmente ignoradas mas também para conseguir ter uma noção da sua gravidade e progressão ao longo do tempo com os seus “testemunhos”. Para isto foi-me cedido o *Plano estratégico de Recuperação e Revitalização do Palácio Nacional de Mafra*<sup>25</sup> (1994-97) de forma a estabelecer a diferença e progressão de algumas das patologias.

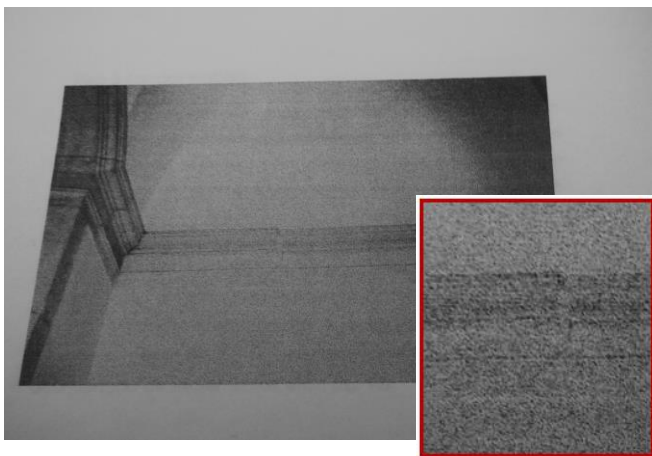
---

<sup>23</sup> BELO, Cristina Maria dos Santos Antunes, *A musealização do Palácio Nacional de Mafra*, pag. 24 (BPNM, *Correspondência do Almoxarifado*, 24 de Maio 1855.)

<sup>24</sup> Galeria Principal –

<http://www.palaciomafra.gov.pt/ptPT/palaciomenu/salas/ContentDetail.aspx?id=184>.

<sup>25</sup> PORTAS, Nuno, PEREIRA, Nuno Teotónio, BOTELHO, Pedro Viana, Plácido Isabel, *Plano Estratégico de Recuperação e Revitalização do Palácio Nacional de Mafra*, 1994-1997.



**Fig. 3** – Plano estratégico de Recuperação e Revitalização do Palácio Nacional de Mafra. 94-97.



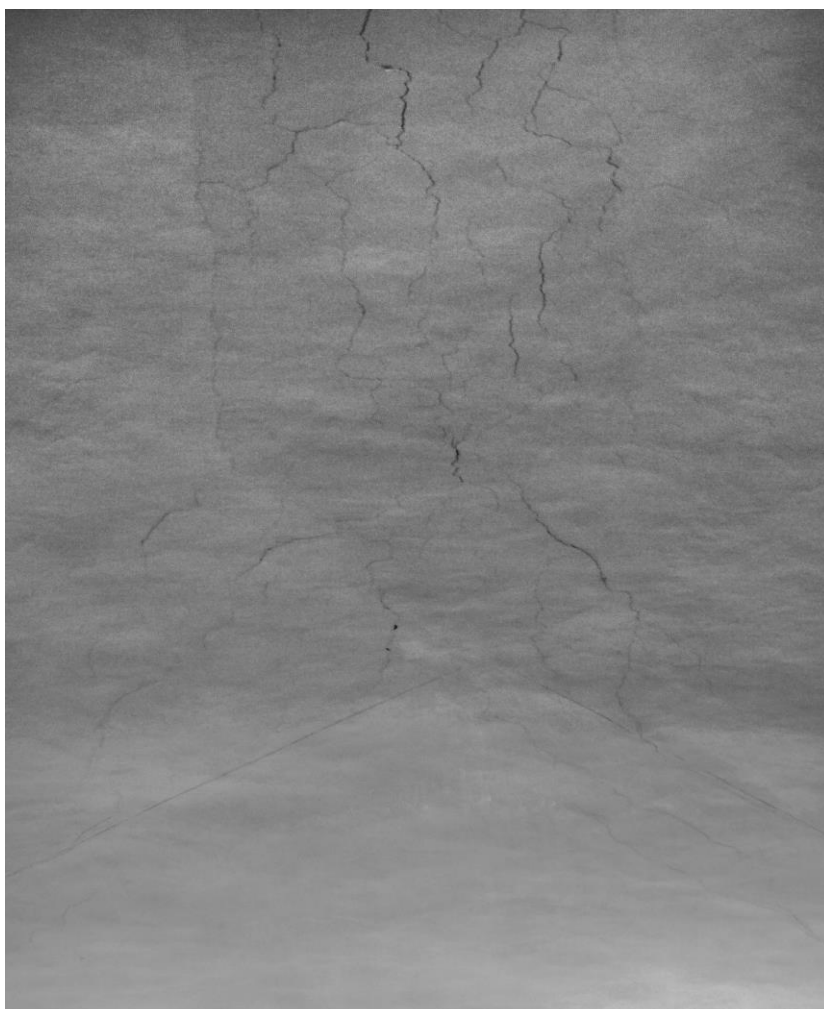
**Fig. 4** – Pormenor. (PLM)

Utilizando o *Plano Estratégico de Recuperação e Revitalização do Palácio Nacional de Mafra*, procurei pelas patologias indicadas, oferecendo inicialmente um maior ênfase às representações fotográficas expostas no plano, visto serem as melhores e mais recentes bases de comparação, de forma a ter uma noção básica sobre o progresso e ritmo das “patologias” assim como as operações de recuperação que pudessem ter sido exercidas no Palácio, pois, devido à falta de recursos monetários, vão-se fazendo reparações pontuais consoante a gravidade da situação e a capacidade do Palácio Nacional de Mafra.

Durante esta fase do relatório observei certas fissuras no quarto do enfermeiro e do cozinheiro (seguindo o percurso expositivo localiza-se, após o núcleo de Arte Sacra), que percorriam toda a abóbada. Ao discutir a situação com o Dr. Sérgio Gorjão, foi-me aconselhado disponibilizar imediatamente os dados à direcção, para se iniciar um estudo à gravidade do problema, devido a esta sala ser adjacente a onde será o local para a criação de uma *carangue-jola* ou *Vae-vem*<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> Gazeta do Campo, nº 28, Domingo 8 de Julho, ano de 1866.





**Fig. 5** - Tecto. Quarto do enfermeiro e do cozinheiro - Fotografia de alto contraste. (PLM)

Procurando acompanhar os técnicos nos variados tipos de actividades, o relatório de patologias foi-se desenvolvendo ao longo do mês de estágio. Este foi dividido em três relatórios separados de forma a limitar a sua densidade e permitir, em caso de necessidade, uma facilidade em obter os dados sobre as patologias existentes. O primeiro documento conteve o 1º piso, neste estão incluídos o núcleo de Arte Sacra e o núcleo conventual. Posteriormente desenvolvi o segundo documento bastante mais extenso devido à magnitude do piso nobre, incluindo as reservas (contando com a reserva temporária de pintura). O terceiro documento limitou-se à Basílica. Por sua vez, os mezaninos foram devidamente fotografados e documentados, mas, sendo uma situação evidente e já do conhecimento dos técnicos, não houve a necessidade da sua incorporação. De forma a facilitar a sua compreensão os danos e patologias observados foram divididos por: piso; zona e medidos pelos seguintes tópicos de gravidade:

- 1) *Necessita intervenção urgente/alto risco;*
- 2) *Necessita intervenção/médio risco;*
- 3) *Necessita observação/baixo risco;*
- 4) *Baixo Risco*



**Fig. 6** - Torreão Norte, perda da camada cromática, foi feita a comparação com imagens similares de 2016 e 2017 e notou-se uma visível e contínua perda cromática com novas manchas de humidade. (PLM)

A definição de gravidade foi estabelecida mediante não só a graveza e dimensão do “caso”, mas também a sua probabilidade de propagação (infiltrações e invasões orgânicas) muitas vezes explicada pela sua localização nas salas. Pode-se resumir os principais problemas em dois tipos: danos estruturais; infiltrações (com manchas de humidade e os seus sintomas e invasões orgânicas, sendo que este último aspecto foi mais observado em todo o torreão Sul, visto sofrer maiores oscilações térmicas, principalmente visível em locais fechados como as reservas, mezaninos ou a sala de escultura comparada<sup>27</sup>).

---

<sup>27</sup> FIGUEIREDO, Bárbara Cabrita Freire da Cruz Vidigal, *Proposta de renovação do Museu de Escultura Comparada de Mafra*, pág. 52, 2018.



**Fig.7** - Mezanino, torreão Sul. Marcas de humidade em todas as zonas das janelas, infiltrações orgânicas e tijoleira degradada. (PLM)

Devido à criação deste relatório foi-me possível, faseadamente, visitar os mezaninos (com a Dra. Gabriela Cordeiro e o Dr. Sérgio Gorjão) em todo o seu comprimento, procurando pelos problemas maiores e mais comuns verificados nestes espaços. Visto o desenvolvimento deste relatório ter coincidido com uma época bastante chuvosa, e aquando a minha verificação dos mezaninos, auxiliei na manutenção de certos sistemas de contenção de águas, criados pelos técnicos com materiais improvisados (e.g. barris, baldes e lonas).

Houve também a oportunidade de acompanhar a Dra. Rita Miranda – que foi designada a responsável pelo “mobiliário” no Palácio de Mafra (designação oficial a partir de 2 de Janeiro 2019) – e auxiliar nos relatórios de patologias do mobiliário incluindo danos físicos, xilófagos e microorganismos. Esta operação decorreu ao longo de dois dias<sup>28</sup>, observando peça a peça, procurando danos (e.g. quebras, riscos) que estes objectos tendem a ter devido à erosão do tempo, ao contacto com alguns

---

<sup>28</sup> Apenas participei nas observações efectuadas no piso nobre.

visitantes “mais curiosos”, após limpezas efectuadas aos espaços e procura de sintomas específicos, ou vestígios de infestações que são recorrentes.

A resposta obtida pela criação deste relatório foi imensamente positiva, visto não haver novas infestações, nem antigas, que se encontrassem activas (sem contar com uma mesa de salão que, apesar de não demonstrar vestígios novos, foi submetida a uma desinfestação como medida de prevenção).

Outro ponto interessante foi o contacto com as variadíssimas tipologias de peças existentes no Palácio, sendo que a minha função perante este relatório se baseava simplesmente na observação do grande número de peças, utilizando as metodologias indicadas para uma análise simples, mas concreta, na procura dos parâmetros indicados. Depois, para uma melhor análise de algumas peças, procurei observar as fotos existentes no inventário do Palácio Nacional de Mafra, sendo que apenas me foi possível obter imagens das peças que já se encontravam na base de dados digital (este processo encontra-se em desenvolvimento).

Número (7)	Descrição	Situação (8)	Valor (9)	Observações
216	Um calice em prata dourada e cinzelada, tendo gravado no fundo o nº 4. Med: alt. 0,27 - Peso: 0,910.	Desaparecida	472,725800	
217	Um calice em prata dourada e cinzelada, tendo gravado no fundo o nº 5. Med: alt. 0,27 - Peso: 0,935.		2,000800	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
218	Uma patena em prata dourada (número de inventário junto ao calice nº 4). Med: diâm. 0,21 - Peso: 0,370.		2,000800	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
219	Uma cruz em prata dourada e cinzelada, tendo gravado no fundo o nº 3. Med: alt. 0,24 - Peso: 0,520.		400,000000	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
220	Uma cruz peitoral em prata dourada, sem relíquias com um cordão azul com borla da mesma cor e dourada. Med: alt. 0,09 - Peso: 0,100.		1,000800	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
221	Uma custódia em prata dourada cinzelada tendo como ornamento principal, em cima, figurinhas de meninos e as armas da Sucarioria. Sem o formato de um oval e na base do mesmo motivo ornamentado. Sem no fundo gravado o nº 1. Med: alt. 0,72 - Peso: 4,530.		300,000000	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
222	Uma custódia semelhante à anteriormente descrita com os mesmos motivos ornamentados na parte superior mas diferenciado no formato da base. Sem gravado no fundo o nº 2. Med: alt. 0,56 - Peso: 3,445.		10,000800	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
223	Uma chave em metal cinzelado que pertence ao sacristão em madeira dourada que está na sala nº 1. Sem uma fita em lã de ouro. Med: Comp: 0,11.		6,000800	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
224	Uma chave em ferro dourado trabalhado que pertence a uma que está na capela do Campo Santo. Sem junto uma fita em lã de ouro. Med: Comp: 0,115.		50,000000	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
225	Uma dalmática de setim negro meio bordado, feita em Milão.		70,000000	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
			2,500800	Repos. da Com. e Moeda de Mafra.
			496,045800	

**Fig.8 - Cadastro dos bens, do domínio público, Palácio Nacional de Mafra, 1950<sup>29</sup>.** (PLM

<sup>29</sup> É um dos documentos utilizados como guia de inventário.

Como já descrito, dentro deste plano houve a necessidade de uma desinfestação pontual a uma mesa situada na sala de jantar, que apresentava uma possível infestação activa, indicada – após limpezas realizadas – pelos vestígios de madeira corroída por baixo desta. A desinfestação ficou a cargo da Dra. Rita Miranda, que por sua vez, também coordena o núcleo de voluntariado. O grupo encarregue da desinfestação pontual era composto por mim, a Dra. Rita Miranda e um pequeno grupo de voluntários<sup>30</sup>. Devido à falta de luvas, apenas um pequeno grupo manuseou os objectos, de forma a retirarem-se as peças que se encontravam sobre a mesa. Posteriormente procedemos à desmontagem da mesa, para uma maior facilidade na aplicação do produto (com Cuprinol) através de pinceladas – sendo que a forma mais comum e eficaz é através de seringas inserindo o produto nos orifícios. Ainda sobre este processo, saliento a necessidade de utilização de máscaras, que também estavam em falta, devido à toxidade do produto.

É de salientar que esta, entre outras acções, foram praticadas às terças-feiras, dia em que o Palácio se encontra encerrado ao público de forma a facilitar a sua prática e não interferir nas visitas.

As reparações feitas no Palácio ficam ao encargo do Sr. Luciano, reparações de pequeno porte, mas de variadas tipologias (e.g. reparações eléctricas, de carpintaria, entre outros). Tive a oportunidade de seguir os trabalhos efectuados, substituindo em certas ocasiões a presença da Dra. Gabriela Cordeiro (a seu pedido), em danos e problemas relatados por mim e outros técnicos, ou a simples melhoria de sistemas, como a substituição, gradual, de lâmpadas *Led*.

Outra situação, mais particular, mas anualmente praticada pelos técnicos (que me permitiu aceder a locais de remoto acesso) foi a vistoria às varandas que circundam a Basílica, que se realizou durante uma semana, nas horas de menor tráfico de visitantes (a partir das 17 horas) – passando pelos sistemas de foles dos órgãos –, visto as drenagens e passagens destas terem tendência a entupir e aparecerem variados tipos de plantas. Estes obstáculos, na época de chuvas, aumentam a probabilidade de inundações nestes espaços, que eventualmente encontram o seu caminho, neste caso em específico, para dentro da Basílica através de fissuras ou espaços entre a pedra,

---

<sup>30</sup> É de referir que havia diferenças nas formas e na rigorosidade de actuar entre os vários técnicos do palácio, devendo-se à forma como eram praticadas certas acções, criando algum atrito. Mas é necessário referir, também, que o palácio não teve desinfestações anuais constantes.



havendo por cima das capelas laterais vestígios de estalactites (normal para um edifício desta magnitude e idade).

Assim se procedeu à vistoria destes espaços e da sua desobstrução, necessitando recorrentemente de uma dose de “agilidade”. Curiosamente, o problema mais comum encontrado foi o aparecimento de variados tipos de floras que se instalavam, quase exclusivamente no escoadores espalhados pelas varandas, enraizando-se nestes pontos – facto regular tendo em conta o clima de Mafra –, mas relativamente peculiar tendo em vista o facto de que as varandas se encontram a uma altura superior a 20 metros.

A vistoria progrediu então para os telhados, e a tentativa de se encontrar algumas infiltrações específicas (e.g. campo santo). Estas vistorias e resoluções, assim como nos sistemas de contenção de águas improvisados – já referidos –, são realizados todos os anos de forma a se combater os malefícios normais que o tempo cria, tentando retardar complicações futuras.



**Fig. 9** – Vista do claustro para a Basílica. (PLM)

Outro factor a ter em conta, é a distribuição das tarefas – que estavam até então ao encargo da Dra. Gabriela Cordeiro –, que apenas seria aplicada oficialmente a partir de 2 de Janeiro de 2019. Assim as minhas visitas às restantes salas – muitas delas fechadas e restritas –, foram espaçadas entre si e realizadas ao longo do estágio curricular, desta forma, este tipo de tarefas que fogem, até certo ponto, das tarefas habituais, permitiu-me o contacto, que de outra forma seria impossível, com espaços de grande interesse e realidades desconhecidas.

Mediante a leitura dos vários documentos relacionados com o plano de conservação preventiva, notei a falta de leituras recentes de temperatura e humidade relativa (HR). Deve-se ao facto de não existirem termohigrógrafos activos, os poucos existentes já desactualizados, não estavam funcionais – uns devido a avarias, outros porque os materiais necessários e específicos (e.g. papel, agulhas) não eram facilmente adquiridos.



**Fig. 10 - Psychrometro e tabela.**

O único sistema de medição presente era o *psychrometer* – sistema de utilização pontual e manual. Utilizando movimentos giratórios consegue obter-se certas medidas, e ao fazer a comparação utilizando a tabela (*fig.10*) obtém-se a HR. Este utensílio era utilizado para as salas do palácio, assim como para a Biblioteca, visto não existirem sistemas modernos de registo contínuo. Desta forma foi-me incumbido a organização de uma lista de *data-loggers* com os respectivos orçamentos, para a possível aquisição por parte do PNM. Foi necessária uma pesquisa para *cross-data* de

forma a entender-se a relação qualidade-preço no mercado actual, visto que o objectivo era adquirir um produto certificado e de boa relação qualidade-preço, mas procurar uma margem que oferecesse a possibilidade de aquisição de um número (tentativa) que possibilitasse uma boa distribuição pelas várias salas do palácio, e especialmente da Biblioteca. De forma a obter-se os orçamentos foi necessário contactar as empresas, após a obtenção destes dados foi criada uma lista (tabela) com as variadas especificações: *Empresa e contactos; Item; especificações e valores*. Esta lista foi depois enviada para a DGPC para integrar no orçamento do ano 2019 do PNM, sendo que é de constar a aprovação para a sua aquisição neste ano.

Foi durante estas pesquisas que me deparei com um projecto de voluntários do palácio, e tive a felicidade de auxiliar na procura de livros musicais estampilhados, pertencentes à colecção da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra. O projecto, que se iniciou após encontrar-se uma das maiores (atrevido-me a dizer do mundo) colecções de estampilhas, utilizadas em variados livros. O meu contributo para o projecto foi relativamente reduzido, visto que me deparei com o projecto nas suas fases finais, apenas assistindo à catalogação e procura de alguns destes livros nos acervos da Biblioteca, e no manuseamento de algumas das ditas estampilhas.

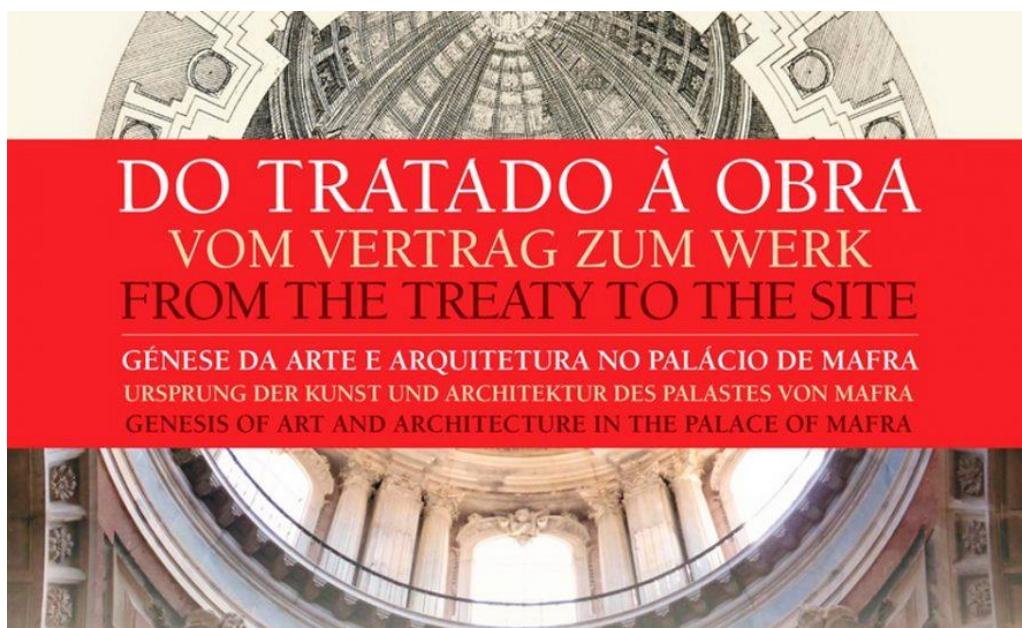
No final da exposição temporária – *Do Tratado à Obra, Génese da Arte e Arquitectura no Palácio Nacional de Mafra*<sup>31</sup> – dirigida pelo Dr. Sérgio Gorjão, foi necessário à sua desmontagem o apoio de uma empresa de mudanças. Esta actividade, executada com o Dr. Sérgio Gorjão, Dra. Maria João e a Dra. Rita Miranda, foi realizada ao longo de cerca de quatro dias. Iniciou-se com a cuidadosa retirada das peças expostas (de variadas tipologias, mas na sua maioria utensílios de época de variadas dimensões) para uma das antigas celas monásticas, que se encontrava vazia, utilizando-a como um espaço temporário para o armazenamento das peças, visto ter uma boa capacidade hermética e encontrar-se em boas condições de preservação. Os objectos (robustos) foram condicionados e meticulosamente alinhados no chão de madeira da cela, não criando sobreposições destes e de forma a possibilitar a circulação na sala. Certas peças mais importantes – como a cruz de madeira de carvalho (presente na elevação da basílica) de grande dimensão (inicialmente no núcleo de arte sacra) – foram directamente redireccionadas para os seus respectivos locais. Com as peças

---

<sup>31</sup> Iniciativa para comemorar os 300 anos do lançamento da 1ª pedra do Real Edifício.



retiradas foi possível debruçar-nos sobre os expositores, retirando os que não iam ser utilizados e reorganizando os que posteriormente iriam conter outra exposição localizada em frente da entrada da Biblioteca.



**Fig.11** – *Do Tratado à Obra, Génese da Arte e Arquitectura no Palácio Nacional de Mafra*, 2018

No seguimento destas acções foram necessárias a movimentação e a limpeza da caixa de acrílico que continha a maquete<sup>32</sup>, concluindo com as suas medições de forma a se criar uma tabuleta de informação. É de referir que estas actividades decorreram ao longo de alguns dias, sendo que os transportes das peças maiores apenas poderiam ser à terça-feira (o dia em que o palácio se encontra fechado, também o único dia combinado com a empresa), visto não haverem visitantes pois a partir da *sala de jantar*, o percurso estava interdito. Em conexão com o final da exposição foi planeada uma apresentação<sup>33</sup> que tinha o intuito de apresentar oficialmente a maquete (que permanece na mesma sala) e os planos de integração do Palácio Nacional de Mafra como Património Mundial da UNESCO.

A apresentação contou com a presença de várias ilustres presenças, entre elas os responsáveis do Palácio Nacional de Mafra, representantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, e a Directora da Direcção Geral do Património Cultural, Dra. Paula Araújo da Silva.

<sup>32</sup> Dimensões: 200x 177x 55cm - escala 1/150

<sup>33</sup> No dia 15 de Novembro de 2018 – Jornal de Mafra, 16 de Novembro de 2018 - <https://jornaldemafra.pt/2018/11/16/apresentacao-da-maquete-do-real-edificio-de-mafra-imagens/>

A apresentação desenvolveu-se na *sala do trono*, e a sua organização foi relativamente simples, passando pelo planeamento e disposição das cadeiras, (e transporte) da mesa de época, do projector e do apoio aos convidados da apresentação. Concluindo com a correcta arrumação do material utilizado.



**Fig. 12** – *Maqueta do real edifício de Mafra*, Jornal de Mafra, 2018<sup>34</sup>

Após a recepção de duas estolas e uma casula (séc. XVIII ou séc. XIX) procedi ao seu transporte para a Casa da Fazenda – espaço utilizado para reserva de ricos paramentos e alfaías litúrgicas, provenientes maioritariamente de França e Itália (Milão e Génova), nas cinco cores litúrgicas: branco, verde, carmesim, roxo e preto. Este espaço é, não só, dos mais seguros do palácio, como é um dos espaços com menores oscilações térmicas. Este espaço contém variados móveis de época, próprios para o armazenamento deste tipo de peças, sendo que continuam a ser utilizados nos dias de hoje devido à sua qualidade e dimensão, tendo em conta que existe um meticoloso, e mais exigente acondicionamento, optando por cobrir todas as peças com papel *acid free*<sup>35</sup>.

Aproveitando a nossa passagem pela Casa da Fazenda (com a companhia da Dra. Gabriela Cordeiro), conduzindo uma breve vistoria (é de referir que este espaço

<sup>34</sup> Maqueta de faia realizada por Manuel Gaspar – Maquetas, Lda. Com o apoio da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, e com o apoio mecénático da Fundação Millennium BCP.

<sup>35</sup> *Temas de Museologia, Plano de Conservação Preventiva- Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Pág. 116

se encontra longe dos gabinetes e espaços do Palácio) aos espaços e peças, em tom de curiosidade é de acrescentar que foi durante uma destas vistorias (devido à dimensão do espaço houve a necessidade de se despender alguns dias) que se presenciou à identificação precisa dos báculos em madeira utilizados na consagração da basílica.

*“Cremos poder identificar dois báculos, em madeira entalhada e dourada, que se conservam entre as colecções do Palácio Nacional de Mafra, como sendo aqueles que foram utilizados” nas cerimónias da sagração da Basílica de Nossa Senhora e de Santo António de Mafra”* <sup>36</sup>

Teresa Leonor Vale

Após as vistorias procedemos ao manuseamento e às medições, registos fotográficos e designações das variadas peças recentemente adquiridas<sup>37</sup>, que se realizou durante duas horas, utilizando um dos móveis que tem, também, como função um serviço de “bancada”, forrado a papel *acid free*, para antes do seu acondicionamento e armazenamento, criar-se um registo fotográfico com o intuito de integrar-se os seus dados nos inventários do PNM. Sendo este um dos poucos casos em qual tive a oportunidade de auxiliar e observar os procedimentos de inventariação do PNM e de utilizar sistema de inventariação informática através do *MatrizNet*.

Na função de estagiário do Palácio Nacional de Mafra, foi-me dada a possibilidade de assistir ao colóquio *Um Lugar à Mesa Real*<sup>38</sup>, realizado no Palácio Nacional de Queluz (Parques de Sintra), e onde me foi dado a conhecer um grande número de identidades e técnicos das várias instituições patrimoniais de Portugal.

---

<sup>36</sup> Diário de Notícias- <https://www.dn.pt/lusa/interior/descobertos-baculos-do-primeiro-cardeal-patriarca-usados-na-basilica-de-mafra-10241362.html>

<sup>37</sup> Com o apoio da Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mafra.

<sup>38</sup> Projecto - Associação das Residências Reais Europeias (ARRE) (Parlamento Europeu e da Comissão Europeias para 2018) - *Programa de eventos dedicado ao património gastronómico das cortes europeias*- <https://www.parquesdesintra.pt/programacao-cultural/coloquio-um-lugar-a-mesa-real/>



**Fig.13** - *Colóquio, Um Lugar à Mesa Real. Palácio Nacional de Queluz.* ©PSML| Emigus.

O colóquio decorreu com o tema principal dedicado ao património gastronómico das cortes europeias. Terminando com a degustação de variados chocolates de grande qualidade, constando a importância deste tipo de eventos devido ao facto de cada vez mais haver uma maior ligação internacional entre as instituições ligadas ao Património, podendo assim adquirirem-se novos conhecimentos e uma esfera coesa, entre países, de protecção, preservação e valorização do Património Cultural.

É necessário referir ainda, que devido à transferência da Dra. Gabriela Cordeiro – responsável pela gestão das peças e do edifício – e que infelizmente se realizou aquando a minha entrada para o estágio no PNM, a instituição encontrou-se com um número reduzido de técnicos, e uma maior carga de tarefas distribuídas pelos técnicos, tendo sido dessa forma apreciada a minha disponibilidade para ajudar nos variados projectos do palácio. Desta forma, o objectivo inicial de progressão no plano de conservação do PNM não foi exequível. Devendo-se, também, ao facto de o tempo disponibilizado para o estágio ser deveras limitado, dificultando a leitura completa de todos os documentos, amavelmente fornecidos, e a sua aplicação mais concreta no plano.

Constando ainda as dificuldades técnicas, como foi o caso informático, que retardaram capacidades de desenvolvimento deste objectivo, desta forma apenas me foi possível fazer algumas alterações ao nível da organização do plano e o acrescento de algumas medidas a ter no manuseamento de peças.

No início do estágio, e tendo em conta que, entre outras actividades, estava a desenvolver o plano de conservação preventiva no PNM, tive a chance de aceder ao plano de conservação preventiva desenvolvido pela Doutora Maria Saldanha, com a permissão oferecida pelo Doutor José Alberto Ribeiro (PNA), que muito amavelmente e de uma forma altruísta me facultaram (mesmo que não tenha tido tempo considerável para uma análise exaustiva, visto apenas ter tido um único dia) o plano de conservação do Palácio Nacional da Ajuda.

Para terminar, devo constar neste capítulo das actividades executadas durante o estágio curricular, que me foi pedida descrição na informação partilhada sobre o plano de conservação preventiva em utilização pelo PNM, assim sendo não me é permitido partilhar as informações que constam no plano, de forma a respeitar as decisões do PNM não incluindo o conteúdo observado no plano de conservação preventiva nem das pequenas alterações efectuadas por mim.

## CAPÍTULO III| *Projecto: O Núcleo de Arte Sacra e a Reserva de Pintura*

### *3.1. Avaliação e aplicação de princípios da conservação preventiva em duas salas específicas*

*In the Tower of London's royal armours room, that holds armours, weapons and dummies of horses and knights from the British monarchy, one of its explicative texts says that, in the old times, more important than truth or historical accuracy, were the stories told by the exhibitions.<sup>39</sup>*

Paulo Celso Correa

Nas últimas décadas a importância da conservação preventiva tem vindo a estabelecer-se mais profundamente nas práticas e consciência dos museus. Com efeito, o conhecimento das práticas de conservação preventiva e a sua relevância tem vindo, cada vez mais, a ser incutida nos meios académicos e directamente nos museus através de acções de formação.

O reconhecimento da conservação preventiva como uma prática essencial nas instituições museológicas e espaços culturais, divergindo da ideologia de conservação curativa, permite assim o exercício de actividades, de forma ponderada, frequente e correcta; evitam ou abrandam a degradação dos bens culturais – factor este inevitável –, aumentando a durabilidade das peças procurando esquivar-se da necessidade de acções intrusivas, que por vezes podem culminar na perda efectiva da “aura” da peça.<sup>40</sup> Desta forma, a conservação preventiva tem por medida prevenir “trabalhos” futuros nas obras, através de acções atenuadoras no processo de degradação e nos efeitos nocivos que possam provir de factores externos, considerando também que diminui os custos financeiros às instituições museológicas, visto (tentar) prevenir trabalhos ou restauros que porventura seriam necessários com maior regularidade se não houver a implementação das medidas de conservação preventiva.

---

<sup>39</sup> CORREA, Paulo Celso. *Keeping historic house museums relevant - some afterthoughts*, Museu da República – Brasil. pág.1

<sup>40</sup> SERRÃO, Vítor. *O conceito de Aura em Walter Benjamin e a sua utilidade para o pensamento estruturado em História da Arte*. 2017. Utilizando como exemplo várias pinturas murais do PNM, “revitalizadas” por Ayres de Carvalho.



Sendo, por vezes, uma actividade de “bastidor” e de prevenção, a sua importância consegue por vezes passar despercebida visto os seus efeitos não terem uma “marca” destacada, como se observa nas acções de restauro, podendo assim não existir uma grande atração de recursos humanos e financeiros<sup>41</sup>, mesmo que, neste último caso, as diferenças de valores despendidos entre actividades de conservação preventiva e “trabalhos” de restauro ou recuperação sejam enormes, permitindo às instituições museológicas aplicar essas importâncias em novos projectos ou melhorias noutros sectores.

O estado de conservação dos espólios museológicos e espaços são realidades únicas e diferentes para cada instituição museológica, havendo a necessidade de criar um plano de conservação preventiva que corresponda eficazmente e especificamente aos problemas observados, e procure responder às necessidades de cada organização. O plano consiste, assim, em agrupar um variado número de dados de caracterização dos espaços, do acervo, dos funcionários, do meio envolvente e do público. Esta compilação permite uma maior facilidade na obtenção de dados específicos necessários ao bom funcionamento dos museus e uma melhoria considerável na gestão de recursos. Relativamente à conservação preventiva, o documento engloba todos os “prós e contras” da instituição, possibilitando uma melhor realização das normas e procedimentos a tomar, assim como uma leitura mais simples e objectiva de todos os factores a ter em consideração. Os planos de conservação preventiva<sup>42</sup> têm, e são criados, em função da instituição onde será aplicado. Contudo, mesmo que não existam planos idênticos, existe uma linha geral pela qual se baseiam: caracterização<sup>43</sup> (do edifício, do acervo, das áreas expositivas e espaços com outras funções, recursos humanos e público); avaliação de riscos<sup>44</sup>; normas e procedimentos<sup>45</sup>. O plano de conservação preventiva tem vindo, assim, a tornar-se um documento imprescindível no bom funcionamento museológico, permitindo uma contínua formação dos técnicos, suportando uma estrutura base a ser seguida, protegendo o acervo ao criar procedimentos específicos e correctos a ter na conservação do espólio, nas suas

---

<sup>41</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas De Museologia. Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Novembro de 2007, pág. 7

<sup>42</sup> Não confundir com plano de segurança, mesmo que os dois possam não estar fisicamente separados.

<sup>43</sup> *Idem*, pág. 3

<sup>44</sup> *Idem*, pág. 3

<sup>45</sup> *Idem*, pág. 3. Outros vários tópicos a serem estudados e implementados depende das necessidades e decisões das instituições.

variadas tipologias, e como reagir face aos dilemas que regularmente aparecem nesta área de acção.

A realidade da conservação preventiva que se enfrenta nos edifícios históricos difere em muito, visto as tecnologias modernas serem difíceis ou impraticáveis de implementar em edifícios que por si só são considerados obras de arte arquitectónica. As casas históricas inserem-se num contexto completamente oposto aos museus contemporâneos que podem ser alterados e modificados de forma a criar condições e ambientes controláveis. É de constar, que as peças mantêm uma relação especial com os espaços designados onde estão introduzidos, sendo estas um dos focos principais a observar ao fazer a avaliação de riscos por sala, demonstrando, assim, os riscos a ter em consideração nos vários espaços, podendo até, habituarem-se às condições dos espaços onde estão inseridas. A autenticidade é uma das questões que tem vindo a ser debatida e que pode alterar a forma como se age perante a conservação preventiva em edifícios históricos, destacando a evolução entre as teorias de Cesare Brandi até aos conceitos propostos por Giovanni Urbani<sup>46</sup>, que ainda hoje moldam os primas pelos quais se observa a conservação preventiva a implementar nestes tipos de casos. Nestes casos, as áreas de execução têm de ser efectuadas como um todo, procurando considerar a preservação e conservação das peças mas também do edifício, limitando o espectro de acções possíveis, e como já referido, é necessário haver uma preocupação maior com os procedimentos a efectuar, de forma a não existir perdas patrimoniais nem a perda da linguagem que se quer transmitir (autenticidade).

As metodologias gerais da conservação preventiva continuam a ser aplicáveis nestes contextos, mesmo que a sua resolução possa não ser tão directa. Tomemos como exemplo uma sala que contém predominantemente pintura, onde se procura uma estabilidade de humidade relativa um pouco acima dos 40%<sup>47</sup>, num edifício histórico este controlo pode ser quase impossível, devido à sua construção funcional, às mazelas que o edifício tem e a impossibilidade económica e estética de implementar novos sistemas de controlo ambiental de forma a manter as condições estabelecidas. Desta forma, para um melhor controlo deve proceder-se a rotinas de manutenção com vista

---

<sup>46</sup> CECCHINI, Silvia, *Historical and critical considerations- International Conference ICOM DEMHIST-ARRE- Authenticity in the Conservation of Historic Houses and Palace-Museum*. Pág.40-43

<sup>47</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas De Museologia. Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Novembro de 2007, pág. 60. Considerando as variáveis que existem de espaço para espaço.



a diminuir a deterioração do edifício ao longo do tempo, atrasando a necessidade de intervenções e restauros e possibilitando a diminuição de oscilações bruscas que podem causar danos consideráveis.<sup>48</sup>

A Associação das Residências Reais Europeias tem vindo a estabelecer uma *network* que permite a partilha de conhecimentos entre instituições, permitindo um mecanismo unificado na preservação, conservação e estudo de novos métodos e procedimentos que poderão e estão a ser utilizados. A sua missão interliga-se às várias áreas e filosofias ligadas ao património, com o objectivo de partilhar experiências, de aumentar o reconhecimento da importância do património europeu perante as autoridades públicas e a própria sociedade no seu contexto alargado. Temas, como já referido, de autenticidade dos edifícios históricos, são discutidos e analisados pelo prisma europeu abrindo portas para novos conhecimentos e perspectivas diferentes sobre como abordar problemas antigos e os que surgem nos dias correntes.

Para o desenvolvimento do projecto teórico, foi seleccionado aplicar os métodos e normas de conservação preventiva em duas salas escolhidas do Palácio Nacional de Mafra – a sala do *núcleo de Arte Sacra* e a sala da *reserva de Pintura*. Para isso, foram utilizados os conhecimentos obtidos durante o estágio curricular no PNM, assim como as observações efectuadas – nomeadamente, o acondicionamento das peças das mais variadas tipologias e a sua conservação, e do edifício (especificamente nas salas escolhidas) –, procurando atender às necessidades mais prementes dos espaços em questão, mas procurando, também, não desprezar as capacidades (e.g. económicas) do PNM.

Quero com isto dizer, que o presente projecto tem como intuito o aperfeiçoamento dos espaços e a sua respectiva conservação, mas tendo sempre em consideração as possibilidades do Palácio, procurando uma simbiose entre melhoramento/necessidade e capacidades (e.g. aquisições). Utilizando como exemplo a utilização de mobiliário de época como expositor, permitindo uma exposição segura das peças sem perder a linguagem decorativa que as salas promovem.

Os espaços e peças do PNM encontram-se em estado razoável de conservação devido aos esforços praticados pelos técnicos, procurando sempre aplicar as medidas

---

<sup>48</sup> *Idem*, pág. 103

e conceitos ideológicos da conservação preventiva, de forma a combater a necessidade de restauro, sem ser nos casos iminentes de perigo para com as peças ou o edifício (e segurança pública), como no caso das obras a serem exercidas actualmente nos carrilhões.

Existem três realidades que restringem as funções e um melhor desempenho por parte dos técnicos. As mazelas naturais de um edifício do séc. XVIII, de enormes proporções onde um universo conventual emerge no espaço palaciano<sup>49</sup>, que ao contrário de um museu criado de raiz para essas funções<sup>50</sup>, procura uma reconstituição o mais similar possível à época em que estes espaços tinham um carácter funcional, mostrando, de uma forma “museograficamente” correcta a vivência do Palácio Nacional, dos espaços conventuais e biblioteca. É de encarar que as resoluções imediatas do Palácio não são uma opção factível, mesmo assim, talvez devido à sua localização, o PNM precisa de uma maior atenção e apoio por parte dos serviços administrativos<sup>51</sup>, visto muitos dos casos de “patologias” derivarem de factores, que de uma forma sistemática, nos dias de hoje poderiam já estar resolvidos (e.g. renovação ou tratamento das janelas tomando em conta que Mafra “sofre” muito com a humidade<sup>52</sup>) abrindo portas a um maior número de programas de estabilidade e para novos projectos (como o caso do MEC<sup>53</sup> que se encontra fechado ao público). Desta forma, mesmo tendo evoluído em inúmeros aspectos, não se pode afirmar completamente que o PNM deixou de ter uma conotação de “ermitério”<sup>54</sup>.

Outro aspecto é o número reduzido de técnicos no Palácio, que porventura impossibilita a diligência em algumas das tarefas realizadas ou a rapidez com que estas são exercidas. Não tendo em conta o serviço educativo, o PNM conta apenas com cinco

---

<sup>49</sup> BELO, Cristina Maria dos Santos Antunes Belo, *A Musealização do Palácio Nacional de Mafra*, pág. 33.

<sup>50</sup> Ou espaços, que devido a não serem executados em edifícios de cariz histórico/cultural, possam ser remodelados de forma a providenciarem uma exposição “modernizada”, não necessitando de equipamento de época, pois não corre o risco de perder a linguagem do espaço como acontece em palácios-museus.

<sup>51</sup> DGPC – Direcção-Geral do Património Cultural.

<sup>52</sup> Em dias de maior humidade, é possível visualizar nevoeiro no corredores e água a escorrer pelas paredes.

<sup>53</sup> FIGUEIREDO, Bárbara Cabrita Freire da Cruz Vidigal de, *Proposta de renovação do Museu de Escultura Comparada de Mafra. Nos seus aspectos de conservação e curadoria*. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa.

<sup>54</sup> CARVALHO, Armindo Ayres de, *D. João V e a arte do seu tempo: arquitectos de El Rei D. Pedro II e D. João V*, 1962 – Termo redescoberto através da tese de: FIGUEIREDO, Bárbara Cabrita Freire da Cruz, Vidigal de, *Proposta de Renovação do Museu de Escultura Comparada de Mafra. Nos seus aspectos de conservação e curadoria*. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, pág. 47.

técnicos<sup>55</sup> (medida aplicada a partir de 2 de Janeiro de 2019), desta forma existe pouca dispersão nas responsabilidades e tarefas impostas a cada técnico, sobrecarregando-os num edifício colossal com um espólio de amplas dimensões, considerando assim que seria mais funcional um aumento de técnicos para uma melhor e mais concisa distribuição de tarefas. Por último, é a capacidade de modernização de aquisição que o palácio possui, sendo que ao falar em conservação, não se pode deixar de referir componentes simples como luvas (variados tipos consoante as peças que se irá manusear), batas, materiais de acondicionamento e de manuseamento, componentes estes em que o Palácio encontra dificuldade em adquirir, tendo muitas vezes de ser os próprios funcionários a obtê-los pelos próprios meios ou a reaproveitar materiais e utensílios deixados de outros projectos ou empresas. Novamente refiro que o PNM não tem identidade fiscal ficando desta forma ao aval dos decisores institucionais<sup>56</sup>.

Assim sendo, este projecto procura uma melhoria destes dois espaços – o núcleo de arte sacra e a reserva de pintura – ao nível da conservação, mas tendo sempre em conta as capacidades, ou falta delas, que o PNM actualmente possui, utilizando e aplicando algumas das normas de conservação preventiva, tentando utilizar os utensílios já existentes, aplicando medidas que amenizem os problemas observados. Os dois espaços encontram-se na zona norte do palácio (a reserva de pintura<sup>57</sup> insere-se no torreão Norte).



**Fig. 14** - Torreão Norte finais século XIX/ início século XX. (Arquivo PNM)<sup>58</sup>

<sup>55</sup> A Biblioteca do Palácio de Mafra funciona como um núcleo separado, mantendo assim um funcionamento quase autónomo.

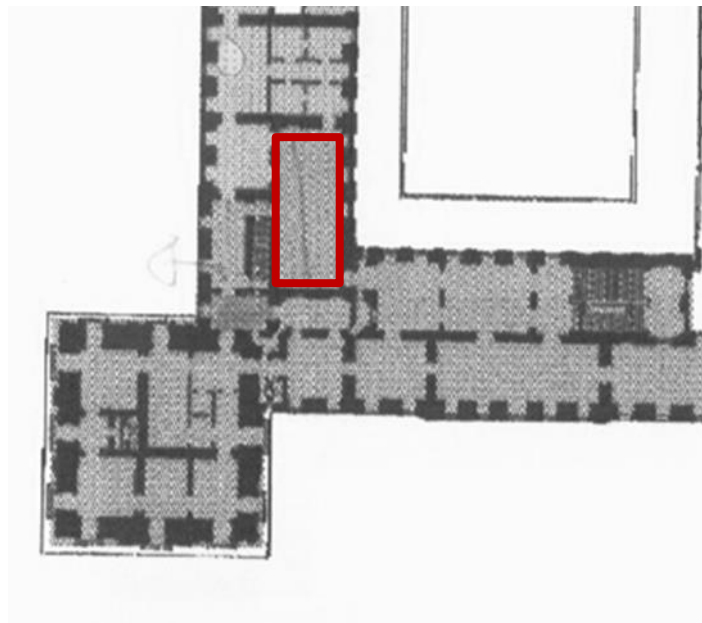
<sup>56</sup> FIGUEIREDO, Bárbara Cabrita Freire da Cruz Vidigal de, *Proposta de renovação do Museu de Escultura Comparada de Mafra. Nos seus aspectos de conservação e curadoria*. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, pág. 46.

<sup>57</sup> Alberga a antiga casa de jantar de Majestade e sala de S. Majestade e o quarto de dormir de S.M El Rei D. Fernando

<sup>58</sup> BELO, Cristina Maria dos Santos Antunes, *A Musealização do Palácio Nacional de Mafra*, ISCTE-IUL, 2010, pág. 39

### 3.2. Núcleo de Arte Sacra

O núcleo de arte sacra (2ª sala) não contém problemas graves ao nível da conservação, mas existem certos factores simples, que ao procurar a sua resolução criariam um efeito significativo.



**Fig. 15** – Planta. Assinalado a vermelho a 2ª sala do núcleo de arte sacra.

(Arquivo PNM)

Um passo simples é a limpeza dos espaços e das peças. As limpezas gerais ficam ao cargo dos auxiliares de limpeza do PNM, que apenas podem lavar, quase unicamente, os chãos – com a utilização de certos utensílios indicados e correctos como as “mopas”<sup>59</sup> –, limpando esporadicamente algumas das peças mais visíveis. O encargo da limpeza das peças e do mobiliário, é pressuposto ser desenvolvido pelos técnicos do PNM (devo referir novamente o seu número reduzido) – de forma a criar também uma vistoria sistemática do espólio –, e pelos vigilantes<sup>60</sup>, que apesar do seu número elevado (aprox. 30), temos de ter em consideração a dimensão do PNM (contando com o museu, a biblioteca, a loja e a basílica). Assim sendo, não existe muito tempo disponível para uma limpeza coesa dos espaços e peças. É, portanto, possível encontrar vestígios orgânicos no espaço [e.g. teias (*fig.16*)]. Este é um dos

<sup>59</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas de Museologia, Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Novembro de 2007. pág. 81

<sup>60</sup> Foram criadas actividades de formação para possíveis acções de limpeza e manuseamento adequados de forma a não danificar o espólio.

factores que mesmo de resolução simples (com os utensílios correctos, como luvas, espanadores<sup>61</sup>, panos e máscaras, se necessário), podem ao longo prazo ter efeitos negativos no espólio, e geram uma má imagem do espaço.



**Fig. 16** – Teia de aranha num dos cantos da última janela do núcleo de arte sacra.<sup>62</sup> (PLM)

O controle da luz natural na sala é composto pela utilização das portadas, que consoante a movimentação do sol vão sendo abertas ou fechadas, controlando assim a intensidade da luz no espaço e, ainda, por *blinds* opacos (*fig.17*) impedindo, desta forma, que a luz incida directamente nas peças. Devido à constante exposição à luz natural, estes já apresentam danos estruturais, levando à conclusão que a aquisição de novos seria positivo.

Relativamente ao factor de luz artificial, o PNM elegeu a opção mais viável (não sendo na sua totalidade *Led*<sup>63</sup>) e segura, tendo em conta os efeitos que a luz artificial tem sobre os objectos<sup>64</sup>, ou seja, foi escolhida a utilização de luz artificial não directa (ver *fig. 18*) e, assim, minimizar os danos a longo prazo.

---

<sup>61</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas de Museologia, Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Novembro de 2007, pág. 81.

<sup>62</sup> Não de gravidade imediata para o espólio, mas afecta a imagem da sala.

<sup>63</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas de museologia. Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Novembro de 2007, pág. 100.

<sup>64</sup> *Idem*, pág. 98. Observar a tabela de sensibilidade de objectos perante a luz, num período de 7 horas.



**Fig. 17** - Utilização de *blinds* para controle de luz. (PLM)



**Fig. 18** - 2ª sala do núcleo de arte-sacra, luz artificial. (PLM)

O factor crucial a ser observado encontra-se na exposição central, numa vitrine, onde estão exibidas várias peças de arte sacra, de ourivesaria civil e religiosa (e.g. relicários, almofada de missal, casula, estola, luvas, sapatos, em destaque a Custódia Roma 1730, *fig. 19*). Pela informação obtida, as peças aqui expostas não têm sido mexidas, nem substituídas, permanecendo nos mesmos locais nos últimos anos (não foi possível atribuir um número, entre 5-15 anos) isto devido às peças já conterem leves danos causados por poluentes, falta de limpeza periódica, luz e “estagnação”<sup>65</sup> (possível criação de vincos), assim sendo existe o intuito de não danificar mais peças, deixando-as já expostas. Relativamente à ourivesaria e à estatuária policromada, encontram-se todas dentro de vitrines<sup>66</sup>.

<sup>65</sup> *Idem*. Pág. 44

<sup>66</sup> *Idem*. Pág. 46. A ourivesaria, e outras peças de variados metais, têm maior tendência para furtos, enquanto a estatuária policromada encontra-se mais susceptível ao vandalismo.



**Fig. 19-** Núcleo de arte sacra (2ª sala), um dos expositores centrais. (PLM).

As colecção de metais degradam-se em ambientes que apresentem valores de humidade relativa elevada (factor recorrente em Mafra) superior a 30 %, possibilitando factores como a corrosão. Mesmo não havendo medições de temperatura sistemáticas, as peças encontram-se dentro de uma vitrina fechada, possibilitando uma quebra em oscilações bruscas de temperatura e humidade. No entanto, sem a realização de um estudo prévio e da recolha de dados de pelo menos um ano<sup>67</sup>, para estabelecimento de valores normativos, seria também interessante observar se existe<sup>68</sup> algum tipo de fenómeno de corrosão nas peças metálicas, e se existe, os efeitos que poderão ter exercido no resto do espólio, nomeadamente, e principalmente nas peças têxteis, havendo a necessidade, nesse caso, de criar compartimentos específicos para cada tipologia, e verificar nos têxteis se não existe composição com lã, visto esta ter na sua composição química proteína à base de enxofre que pode oxidar metais.<sup>69</sup>

<sup>67</sup> *Idem.* pág. 60.

<sup>68</sup> Não me foi possível observar e manusear as peças.

<sup>69</sup> Documento sobre património têxtil, fornecido por Helena Massano (vigilante PNM).



Focando no património têxtil (*fig.20-21*), a base do móvel deveria ser forrada a pano cru (ou papel/cartão *acid-free*), evitando o contacto directo com a madeira. Evitando, também, tensões e torcimentos (*fig.20*) que podem criar deformações (as peças actualmente expostas, na sua maioria, obedecem a estas regras). Excepto em alguns casos, como se observa na *fig.21*.



**Fig. 20** – Núcleo de arte sacra (2ª sala), um dos expositores centrais. (PLM)



**Fig. 21** – Núcleo de arte sacra (2ª sala), um dos expositores centrais. (PLM)

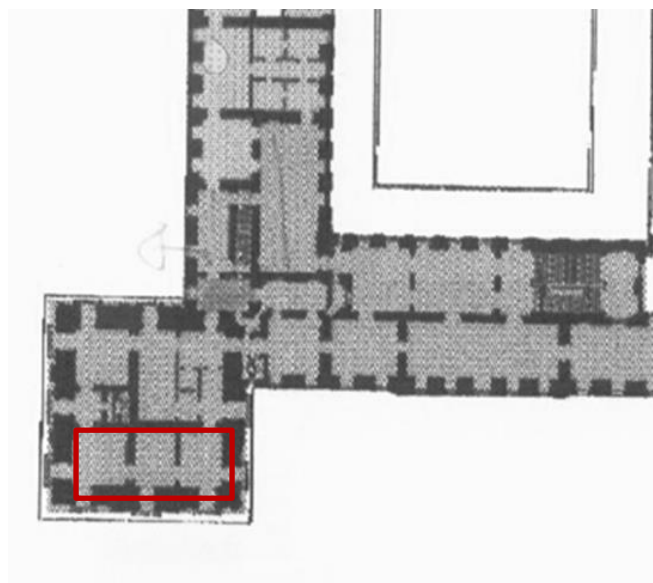
O acondicionamento próprio é um dos factores mais importantes para uma conservação a longo prazo das peças. A *Almofada de Missal* que se observa na *fig.21*, tem sobre si a parte superior de um báculo, a longo prazo (deve ser o caso) os danos



causados pela sustentação do peso da peça em metal são irreversíveis, não só criando uma deformação na face exposta, também o contacto directo entre as duas peças tem efeitos negativos, como a descoloração, assim sendo seria preferível, com o intuito de expor ambas, fazê-lo em separado. Outro factor a ter em conta, são os enchimentos, que são utilizados em algumas das peças através de dispositivos/estrutura que tomem a forma do têxtil amenizando as dobras e prevenindo os vincos (casula e sapatos) mas que não é observado nas luvas expostas (fig.20).

### 3.3. Reserva de Pintura

A reserva de pintura do Palácio Nacional de Mafra, situada no torreão Norte, assume este nome apenas pela forma como o espaço esta a ser utilizado, pois não existe outro com as mesmas dimensões (que não esteja ocupado, havendo estudo e planos de uma possibilidade de ser transplantado para os pisos inferiores), visto já não existirem os tabiques de madeira (que criavam divisórias e um segundo piso) que foram “demolidos”<sup>70</sup>. É de constar, também, que se encontra numa localização privilegiada para os acessos ao museu e aos gabinetes técnicos.



**Fig. 22** – Planta. Assinalado a vermelho a reserva de pintura temporária.

(Arquivo PNM)

<sup>70</sup> BELO, Cristina Maria dos Santos Antunes, *A musealização do Palácio Nacional de Mafra*, ISCTE-IUL, 2010, pág. 40.

Os principais dilemas (tendo em conta ser uma reserva temporária) aplicam-se em grande pujança ao nível arquitectónico, criando desta forma, dificuldades no controlo ambiental, sendo que o controlo através de sistemas de ventilação, consegue ser impraticável, dispendioso e até prejudicial<sup>71</sup> (dilema imposto na maioria dos edifícios históricos). Com grande esforço dos funcionários do PNM, foi criada uma reserva dentro das suas capacidades. Existe a utilização de armações de ferro dispostas paralelamente com distanciamento de 1 metro de forma a possibilitar a passagem e pendurar as pinturas (que fazem parte da reserva), similar aos arquivos móveis deslizantes<sup>72</sup>, mas com um sistema mais “arcaico”, com identificação “local” clara (incluindo número de inventário) das peças para uma organização e estudo mais acessível. Existe também várias bancadas ao longo do espaço para possível realização de acções ou pequenas intervenções nas peças.



**Fig.23** – Exemplo de Equipamento para pintura.

Instituto dos Museus e da Conservação<sup>73</sup>

Um dos principais problemas deste espaço é as grandes oscilações de temperatura e humidade, resultante dos problemas existentes nas paredes de fachada, que actualmente estão em mau muito estado, com várias perdas de “matéria” e

---

<sup>71</sup> Heritage Collections Council, *Guidelines for environmental control in cultural institutions, Consortium for Heritage Collections and their Environment*. 2000/2001, pág. 6.

<sup>72</sup> Sistema utilizado em vários museus modernos (e.g. CCB) para reserva de pintura. Sistema utilizado pelos serviços da DGPC como arquivo de documentação.

<sup>73</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas de Museologia, Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Novembro de 2007, fig.73, pág. 74.

aparecimento de matéria orgânica, perdendo assim a sua função de barreira face às condições externas. É necessário um tratamento a fundo destas paredes de forma a poder manter-se os critérios a que uma reserva deve preceder.<sup>74</sup> Existem dois outros factores que impossibilitam um controlo eficaz da temperatura e humidade dentro da reserva, sendo estes as janelas ainda em madeira que se encontram visivelmente deterioradas e com menor capacidade de impermeabilização (foi criado um orçamento para a alteração das janelas em todo o espaço expositivo<sup>75</sup>, que foi impossível aceder). É de referir que existem dois desumidificadores presentes na sala, de forma a tentar combater os elevados níveis de humidade no espaço.

Outro factor a considerar, é a pequena lareira/chaminé de que deriva do andar inferior (MEC) e prossegue para as salas superiores (sistema eficaz de aquecimento), que se encontra indesejavelmente perto das obras ali guardadas, contém duas pequenas “portas” de madeira que se podem fechar, mas não ficam “estanques”. No andar inferior encontra-se o MEC, que pela falta de uso e limpeza tem propiciado (factores económicos) o aparecimento de vários tipos de insectos<sup>76</sup>. Visto não haver necessidade para a utilização desta lareira/chaminé (nem das cozinhas) poderia proceder-se ao seu empedramento (ou resguardos<sup>77</sup>), cortando-se com um ponto de entrada para infestações e “correntes” de ar. O último factor para a criação de um compartimento (espaço) estanque<sup>78</sup> são as portas, no PNM são massivas, em tamanho e espessura, assim sendo pode se considerar ideais, necessitando apenas da aplicação de algum isolamento de forma a prevenir o aparecimento de pestes<sup>79</sup>. Sendo que algumas das peças já se encontram “habitadas” a um determinado clima, é necessário a utilização de *data-loggers* para, no caso de houver uma diferença substancial, proceder-se a utilização de utensílios que possam mediar a situação (e.g. humidificadores).

---

<sup>74</sup> *Idem.* pág. 74-78.

<sup>75</sup> O número de portas e janelas da área ocupada pelo PNM, actualmente, é por volta de 2000.

<sup>76</sup> Pelas observações efectuadas não existem vestígios significativos na reserva, do aparecimento destas infestações.

<sup>77</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas de Museologia. Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Novembro de 2007, fig.73, pág. 117.

<sup>78</sup> É de constar que as peças “habitam-se” a climas, o armazenamento em espaços com climas diferentes (mesmo com base nos valores gerais científicos) pode trazer alterações ou danos permanentes às peças, principalmente as que contêm materiais orgânicos).

<sup>79</sup> Instituto dos Museus e da Conservação, *Temas de Museologia. Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*, pág. 110-112.



**Fig.24** - MEC, os pontos negros são uma infestação de insectos mortos, localizada numa das salas, onde existe uma das lareiras/chaminé com ligação aos andares superiores. (PLM)

O controlo ambiental num edifício histórico é uma tarefa complicada ou quase impossível, no entanto, as reservas devem ser dos locais onde o controlo deve ser permanente ou quase. Tendo em conta a falta de capacidade económica em que os museus se encontram actualmente, a procura pela melhoria de espaços e acondicionamentos não pode estagnar.

## *Considerações Finais*

O PNM apresenta particularidades e necessidades extremamente diferentes tendo em conta a sua funcionalidade, a sua época de construção, e ao seu uso actual. Apesar dos vários conservadores/curadores que passaram pelo PNM, muitas das mesmas dificuldades mantêm-se, principalmente ao nível dos custos económicos necessários a manter o edifício à “tona”. O magnífico e gigantesco exemplar do poder e afirmação de D. João V, continua até hoje “distante” de Lisboa, mostrando-se, sim, exemplar nos esforços que os funcionários do PNM tem vindo a demonstrar ao longo dos anos, com os malefícios do edifício a denotarem-se cada vez mais. Um exemplo perfeito é o MEC<sup>80</sup>, que se encontra perfeitamente apresentável, não fosse as carências do edifício (mediante alguma modernização informativa e expositiva). Este é um ponto recorrente não só em museus, a falta de valorização em todo o espectro do que se pode chamar *cultura*, um desfavorecimento, não só político-económico, mas de preocupação pelo património.

Considerando os pontos acima referidos, o PNM necessita de alguma atenção, com um edifício com várias patologias (principalmente de infiltrações e humidade)<sup>81</sup>, problemas estes que, se houvesse tratamentos sistemáticos, poderia se equilibrar os financiamentos, e a “pouco a pouco” restabelecer-se o edifício. Considerando a dimensão do PNM, nota-se um número demasiado reduzido dos técnicos presentes, amontoando assim um maior número de tarefas e responsabilidades sobre cada técnico, demonstrando novamente a “distância” do PNM.

Considerando o estado do edifício e das colecções, e tendo em conta, os problemas económicos pelo qual o país e a cultura passam, o PNM encontra-se a desdobrar esforços para além dos possíveis, procurando sempre um bom funcionamento do museu e valorização do seu espólio, mas é necessário futuramente haverem maiores apoios e facilidades para um bom desenvolvimento da conservação e conservação preventiva.

---

<sup>80</sup> FIGUEIREDO, Bárbara Cabrita Freire da Cruz Vidigal de, *Proposta de Renovação do Museu de Escultura Comparada de Mafra*, Dissertação. Mestrado em Crítica, Curadoria e Teorias da Arte, 2018.

<sup>81</sup> Foi necessário haver um risco público, para finalmente o projecto de tratamento dos carrilhões entrar em andamento.

Apesar do objectivo inicial do projecto não ter sido realizado, da forma esperada, a possibilidade de observar e interagir nas várias áreas e departamentos, foi extremamente frutífera, tendo em conta que (como examinado no PNM) é necessário haver uma capacidade de adaptação às variadíssimas funções a desempenhar, e aos problemas que, seguramente, surgem. Embora tenha sido um estágio de curta duração, considero a minha participação (e disponibilidade) um factor importante por todo o duração do estágio, não só na ajuda prestada, como na possibilidade de aquisição de uma panóplia de conhecimentos técnicos e funcionais relevantes neste tipo de cargos. Utilizando um dos princípios ideológicos básicos da conservação “Conservar antes de restaurar!”.

## ***Bibliografia***

- ASSUNÇÃO**, Guilherme José. *À sombra do Convento*, Mafra. 1978
- BELO**, Cristina Maria dos Santos Antunes, A musealização do Palácio Nacional de Mafra, Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Museologia: Conteúdos Expositivos, Outubro 2010.
- CAMACHO**, Clara. *TEMAS DE MUSEOLOGIA, Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*, IMC. 2007
- CARVALHO**, Ayres de. *A antiga botica do Convento de Mafra e o material actualmente existente*, Lisboa, 1948
- CARVALHO**, Ayres de. *Obra Mafrense*, Mafra, Câmara Municipal de Mafra. 1992
- CASANOVAS**, Luís Efrem Elias, *Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte, Condições-Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2008
- CORREA**, Paulo Celso. Keeping historic house museums relevant - some afterthoughts, Museu da República – Brasil.
- FIGUEIREDO**, Bárbara Cabrita Freire da Cruz Vidigal de Figueiredo, *Proposta de renovação do Museu de Escultura Comparada de Mafra*, Dissertação. Mestrado em Crítica, Curadoria e Teorias da Arte, 2018
- GAMA**, Luís Filipe Marques. *Palácio Nacional de Mafra: roteiro Artes Gráficas*. 1985
- GORJÃO**, Sérgio, PEREIRA, Paulo. *Do tratado à obra, génese da arte e arquitetura no palácio de Mafra*, DGPC. 2017
- Heritage Collections Council**, *Guidelines for environmental control in cultural institutions Consortium for Heritage Collections and their Environment*. 2000/2001
- International Conference ICOM DEMHIST-ARRE**, *Authenticity in the Conservation of Historic Houses and Palace-Museum*, Palace of Compiègne and Palace of Versailles, France, 7 – 11 October, 2014

**KEENE**, Suzanne. *Managing conservation in museums*, second edition, Butterworth-Heinemann. 2002

**SILVA**, Maria Beatriz Nizza da, *D. João V*, 2009.

**PEREIRA**, José Fernandes. *Arquitetura e Escultura de Mafra*, Editorial Presença, Lisboa, 1994

**PEREIRA**, Paulo, *Arte Portuguesa, História Essencial*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011

**PIMENTEL**, António Filipe, *Arquitetura e poder – O Real Edifício de Mafra*, Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992.

**PINTO**, Ana Lúcia, Fernanda Meireles, Manuela Cernadas Cambotas. *Arte Portuguesa*, Porto Editora.

**TEIXEIRA**, Lia Canola, Vanilde Rohling Ghizoni, *Conservação preventiva de acervos, coleção estudos museológicos*, Volume 1, Florianópolis. 2012



***Anexos***



**Fig. 1**<sup>82</sup> - Primeiro sino a ser retirado. PNM

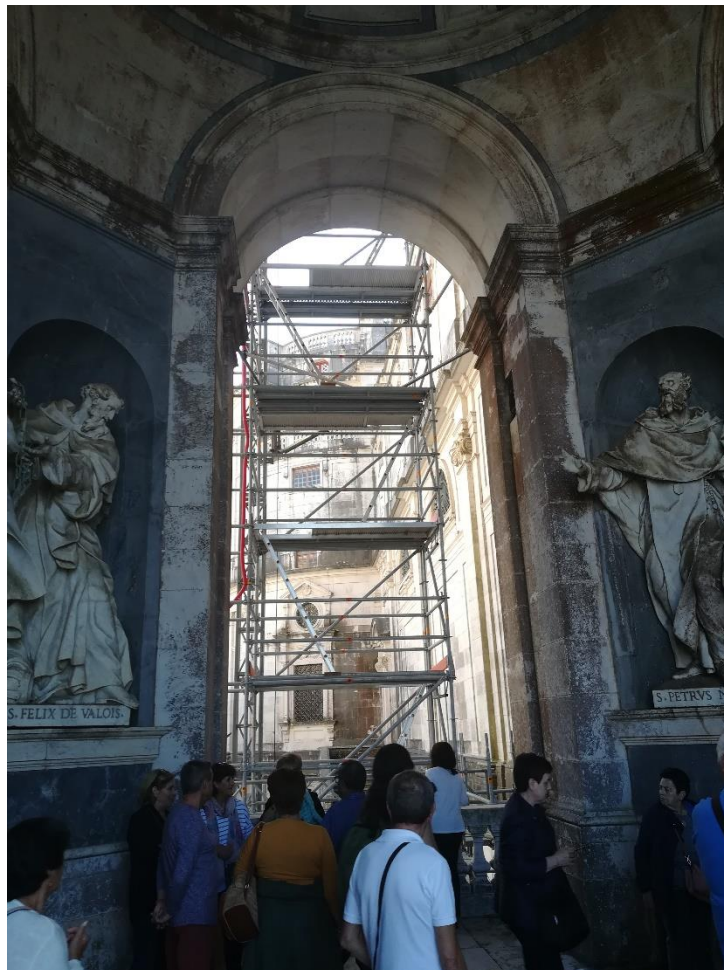


**Fig.2**<sup>83</sup> – Conjunto de sinos logo após serem retirados. As manchas vermelhas, devem-se a uma tinta isolante posta sobre as madeiras (impermeabilização) que pingou. Infelizmente, não houve um tratamento prévio das patologias pelas quais elas já há muito sofriam. (PLM)

<sup>82</sup> Início da retirada dos sinos para restauro e limpeza.

<sup>83</sup> Os sinos grandes são retirados pela primeira vez, desde 1730.

**Fig. 3** - Andaimes dos trabalhos para o restauro dos carrilhões. (PLM)

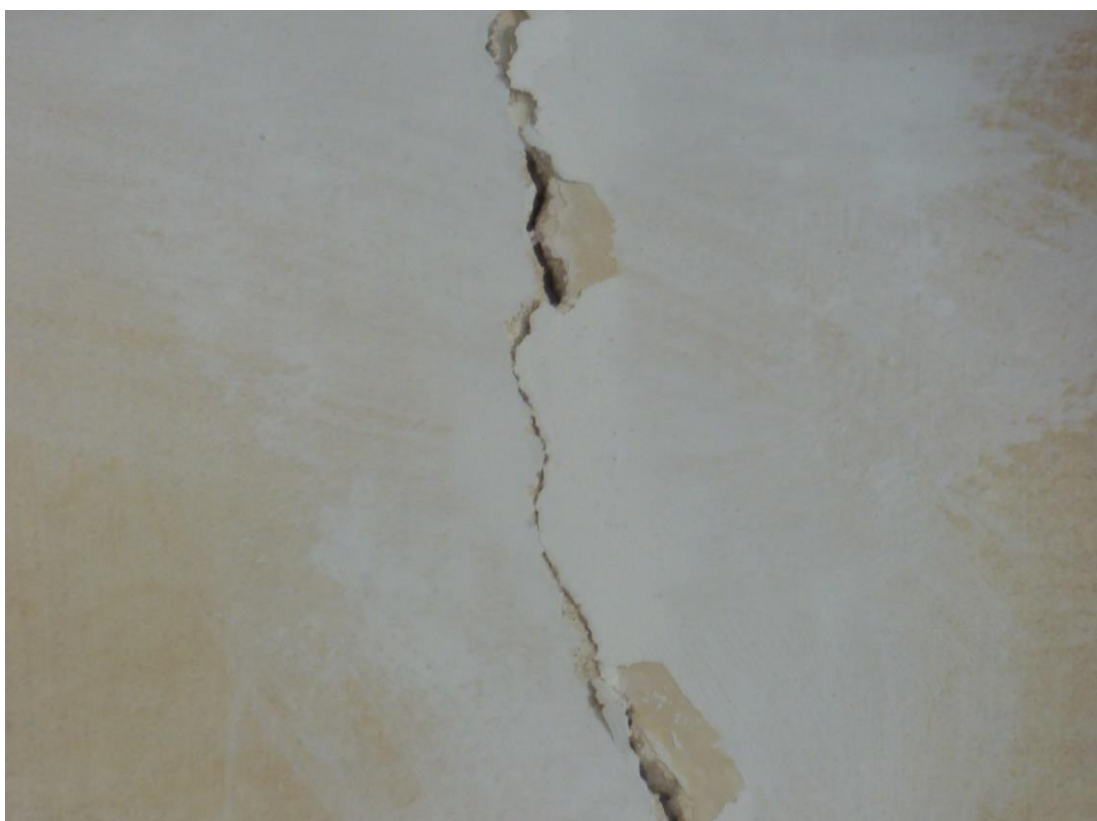


**Fig. 4** - Armações que suportavam os sinos até à sua retirada. (PLM)





**Fig. 5** – Cozinha (para os doentes e frades-enfermeiros, no 2º piso).  
(PLM)



**Fig. 6** – Pormenor da fissura, cozinha. (PLM)





**Fig. 7** – Corredor para a botica. Danos em janela, com perda de matéria. (PLM)

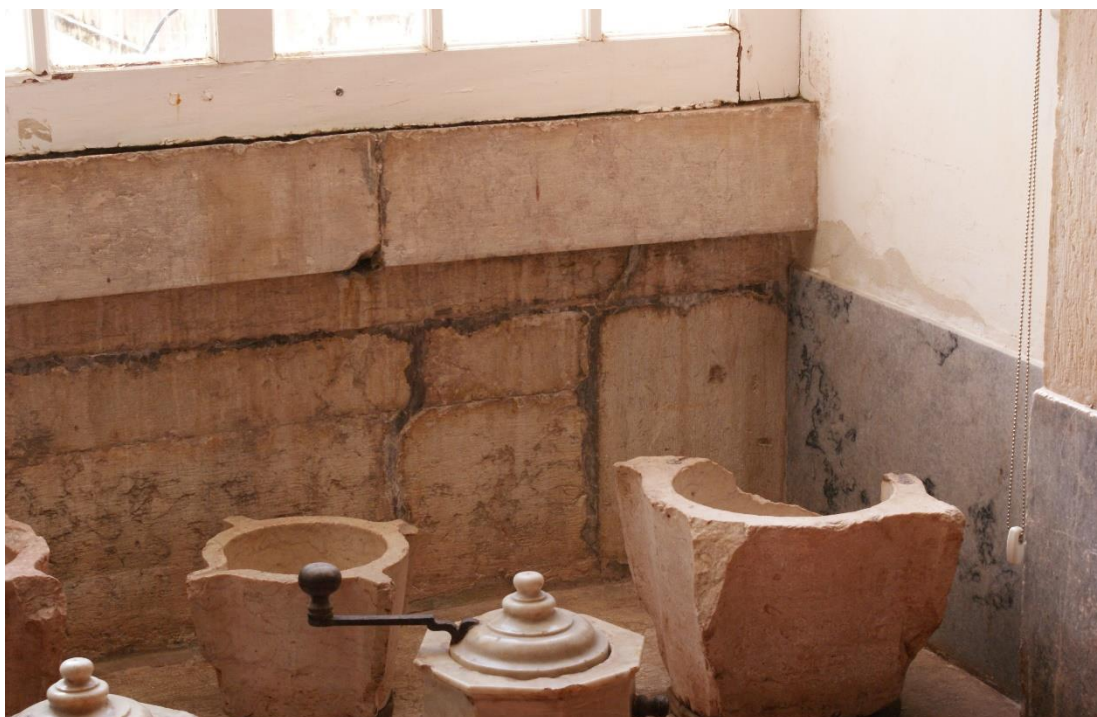


**Fig. 8** – Pormenor, escoador de janela.<sup>84</sup> (PLM)



**Fig. 9** – Pormenor, criação de matéria orgânica. (PLM)

<sup>84</sup> As janelas contêm um sistema de filtração de águas que eventualmente pudessem entrar. Existem muitas que tem estes sistemas entupidos ou fechados, mesmo que, não seja aconselhável a entrada de águas devido ao aumento dos níveis de humidade relativa, o entupimento destes sistemas pode criar danos muito superiores.

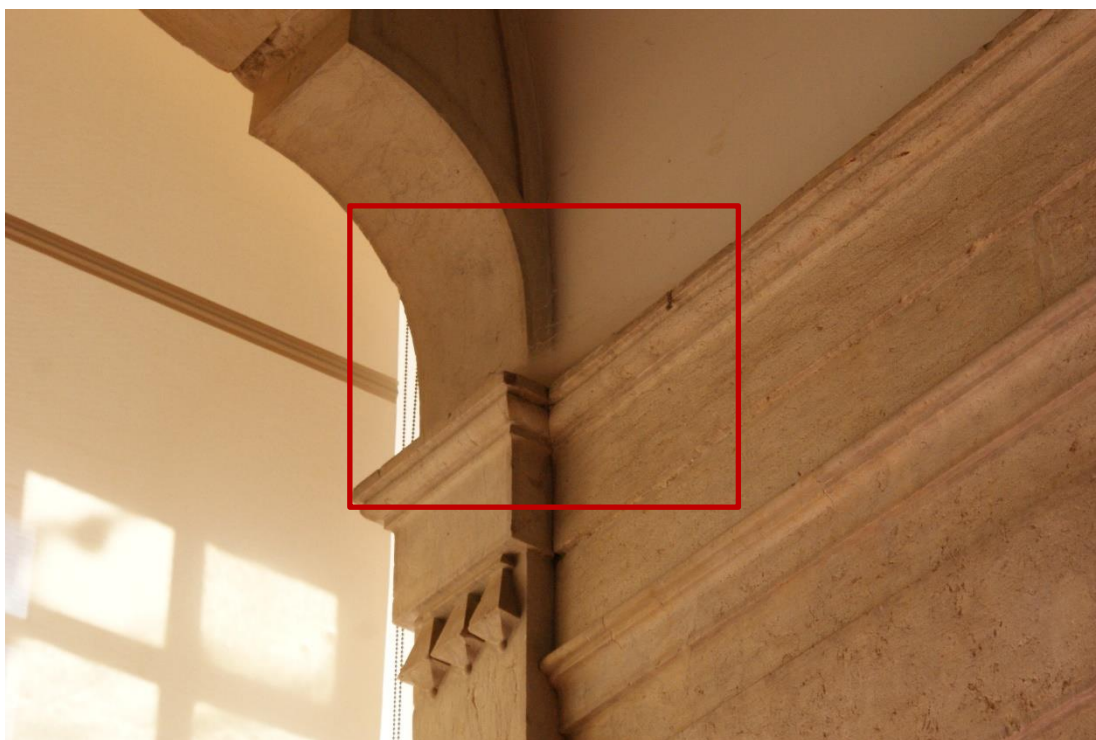


**Fig. 10** – Botica, escombros e infiltração na janela. (PLM)



**Fig. 11** – Botica, vestígios de xilófagos (não activa). (PLM)





**Fig. 12** – Botica, teias de aranha. (PLM)



**Fig. 13** – Enfermaria / Hospital, última janela. Visível infiltração que prossegue em todo o comprimento da parede. (PLM)



**Fig. 14** - Pormenor, Enfermaria / Hospital, infiltração (degradação e matéria orgânica). (PLM)

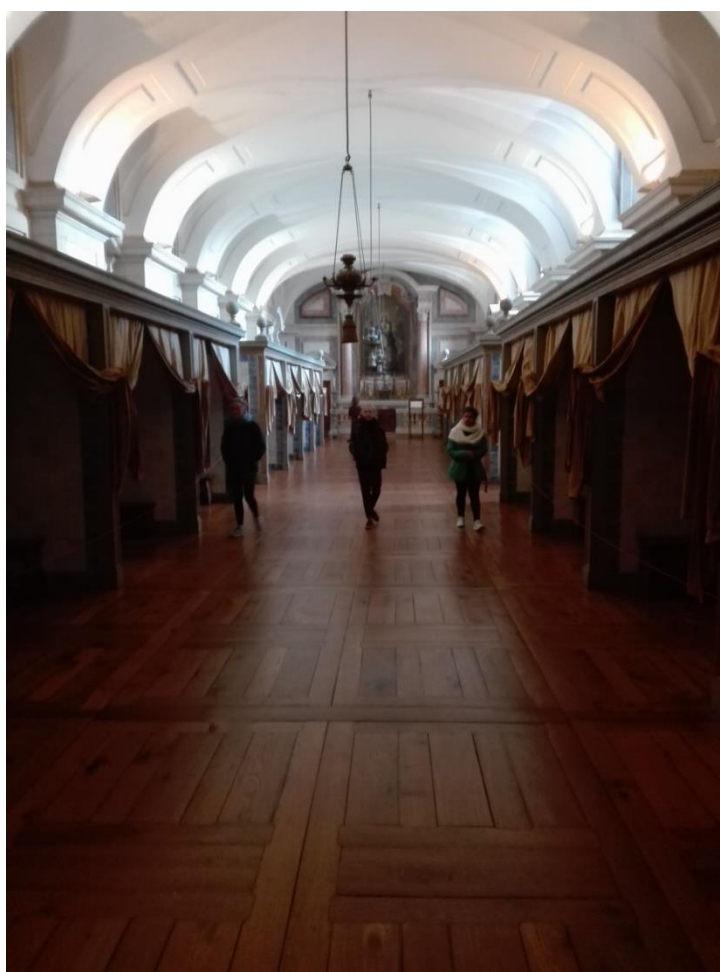


**Fig. 15** – Pormenor. Enfermaria / Hospital, infiltração. (PLM)





**Fig. 16** - Pequena dispensa por detrás do altar, enfermaria/hospital. Continuação da infiltração já referida. (PLM)



**Fig. 17** –  
Enfermaria/Hospital.  
(PLM)



**Fig.18** – Enfermaria/Hospital, pormenor.<sup>85</sup> (PLM)



**Fig. 19** – Enfermaria/Hospital, porta para corredor exterior, com um “orifício” na parte inferior. (PLM)

<sup>85</sup> Supôs-se que seja proveniente de uma antiga infiltração, não activa, das casas-de-banhos, que existiram (já demolidas) no piso superior.



**Fig. 20** – Enfermaria/Hospital. Antiga teia de aranha sobre a janela.<sup>86</sup>  
(PLM)



**Fig.21/22** – Quartos do cozinheiro e enfermeiro. Fissuras em toda a abóbada, ramificando-se para os quatro cantos. (PLM)

<sup>86</sup> Este é um dos exemplos de fácil resolução, mas que impacta a linguagem estética do palácio.





**Fig.23** – Janela localizada na entrada para o núcleo de arte sacra.<sup>87</sup>  
(PLM)



**Fig.24**– Núcleo de arte sacra, *blinds*<sup>88</sup>. (PLM)

<sup>87</sup> É possível delimitar a zona no parapeito da janela onde são “batidas” as “mopas”. Facto já chamado a atenção pelos técnicos e por mim, mas sem efeito devido a certos predispostos maneirismos.

<sup>88</sup> Devido ao tempo de uso e de contacto contínuo com luz natural (possível manuseamento de visitantes), surgem rasgões, necessitando assim de uma reaquisição.

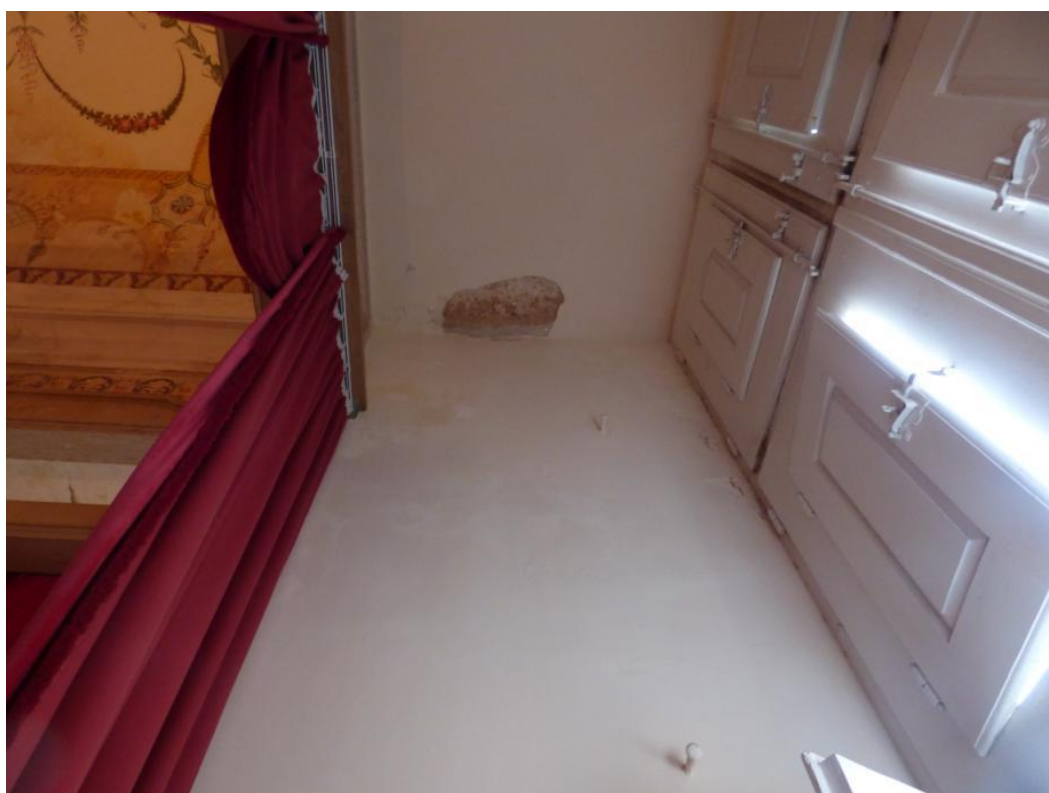


**Figs. 25/26/27** – Torreão Norte, perda de camada pictórica devido a infiltração. Observa-se uma sistemática degradação. (Foi feita a comparação com imagens mais antigas).

(PLM)



**Fig. 28** – Torreão Norte, infiltrações nos nichos das janelas. (PLM)



**Fig. 29** – Torreão Norte, infiltrações nos nichos das janelas. (PLM)





**Fig. 30** – Torreão Norte, casa-de-banho, infiltrações em todo o comprimento.  
(PLM)



**Fig. 31** – Torreão Norte, casa-de-banho, infiltrações em todo o comprimento.  
(PLM)

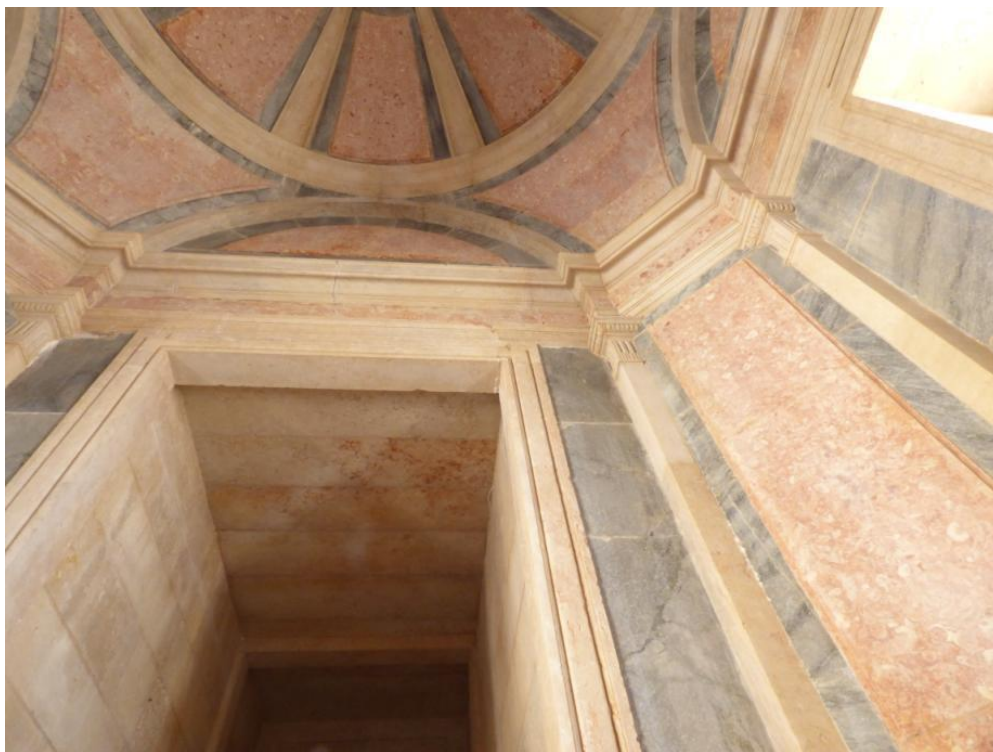


**Fig. 32** - Sala da guarda, fissura que percorre todo o comprimento da verga.  
(PLM)



**Fig. 33** – Sala da guarda, pormenor: fissura.  
(PLM)





**Fig. 34** – Sala da Bênção. (PLM)



**Fig. 35** - Sala da Bênção, pormenor: criação de estalactite proveniente de infiltração não localizada<sup>89</sup>. (PLM)

<sup>89</sup> Devido à sua grande dimensão, e às infiltrações não partirem necessariamente de um ponto vertical, infiltrando-se entre as brechas da pedra, é difícil perceber o seu ponto de origem.



**Fig. 36** – Torreão Sul, fissura que percorre todo o comprimento da parede.  
(PLM)



**Fig. 37** – Torreão Sul. Pormenor: fissura. (PLM)



**Fig. 38** – Pormenor: fissura na verga que se prolonga pela parede.<sup>90</sup>  
(PLM)

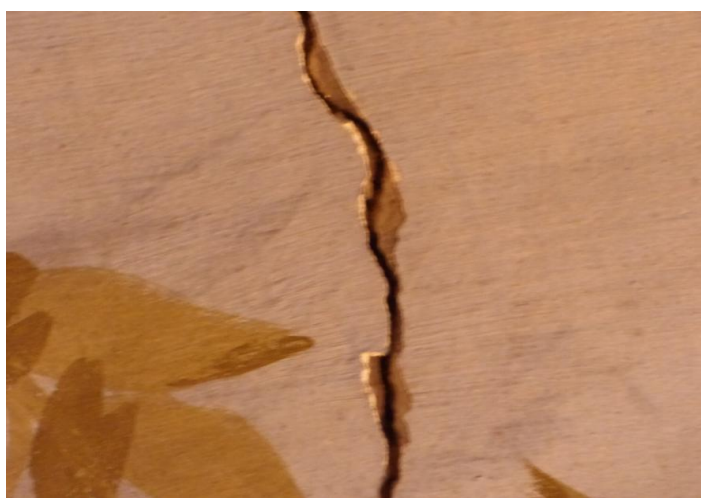
---

<sup>90</sup>É no torreão Sul onde se observa um maior conjunto de fissuras localizadas numa “pequena” área, especialmente nas vergas das portas/janelas e paredes. É necessário ter em conta que as fissuras de parede poderão ser apenas ao nível da camada pictórica e acabamento da parede, desta forma é necessário um estudo pontual para determinar a sua gravidade.





**Fig. 39** – Torreão Sul, Fissura na verga. (PLM)



**Fig. 40** – Pormenor de Fissura da abóbada. (PLM)



**Fig. 41** - Torreão Sul, várias fissuras ao longo da abóbada. (PLM)



**Fig. 42** – Sala de jogos, degradação da tijoleira. (PLM)



**Fig. 43** – Sala Napoleão, perda da “capa “. (PLM)



**Fig. 44** – *Sala Napoleão.*  
Pormenor. (PLM)



**Fig. 45** – *Sala da Caça,* fissura em parede. (PLM)



**Fig. 46** – *Sala de jantar,* fissura em parede<sup>91</sup>. (PLLM)

---

<sup>91</sup> Esta é a mesma parede, mas com observações de lados opostos, sendo que a fissura tem a mesma forma e sentido nos dois lados.





**Fig. 47** – *Reserva de Pintura*, Chaminé/lareira. (PLM)



**Fig. 48** – *Reserva de Pintura*,<sup>92</sup> criação de matéria orgânica, e degradação da parede e dos seus componentes interiores. (PLM)

<sup>92</sup> Apenas são referidas duas das reservas (sem contar com vários espaços de arrumações) do palácio, visto que a casa da fazenda é a que se encontra em melhores condições, sendo que não foram encontrados problemas e patologias ao nível estrutural, excluindo-se assim deste relatório. As reservas de pintura e de escultura são os que apresentam os problemas mais urgentes.



**Fig. 49** – Reserva de pintura. (PLM)



**Fig. 50** – Reserva de pintura, possível infiltração derivada das antigas casas-de-banho no piso superior similar à Enfermaria/Hospital. (PLM)



**Fig. 51** – Reserva de pintura, possível infiltração derivada das antigas casas de banho no piso superior similar à Enfermaria/Hospital. (PLM)



**Fig. 52** – Corredor para a botica.<sup>93</sup> (PLM)



**Fig. 53** – Cave, torreão Norte. Infiltração de grande proporção.<sup>94</sup> (PLM)

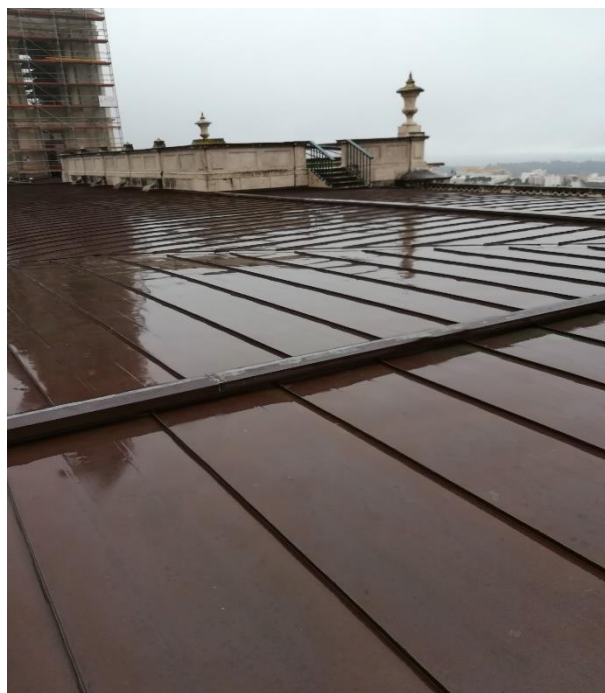


<sup>93</sup> É evidente a utilização de cordas, e fio *nylon* para criar uma separação entre o visitante e as peças (não existe sistema de videovigilância). Já houve a intenção de se oferecer capital para a compra de “baías”, que não se realizou, visto o PNM não ter identidade fiscal.

<sup>94</sup> Houve a tentativa de encontrar a localização inicial da infiltração, existem várias possibilidades e alternativas, mas ainda não foi determinada.



**Fig.54-** Vistoria às caleiras procurando entupimentos e a sua libertação para prevenir inundações e infiltrações. (PLM)



**Fig. 55** – Vistoria às caleiras e telhados (Na foto à direita a Dra. Gabriela Cordeiro). (PLM)





**Fig. 56** – Aproveitamento de móveis com a função de armazenamento de peças específica (Arquivo PNM).



**Fig. 57** – Grupo de voluntários do PNM, no tratamento e restauro de um tapete (mais recente). (PLM)



**Fig. 58** – Mezanino Norte. Antigas zonas de habitação para criados.  
(PLM)



**Fig. 59** – Mezanino Norte. Exemplo de infiltração numa das janelas.  
(PLM)





**Fig. 60** – Mezanino Norte, mobiliário.<sup>95</sup> (PLM)



**Fig. 61** – Mezanino Norte, mobiliário. (PLM)

<sup>95</sup> Devido à falta de técnicos, e como consequência a falta de tempo, ainda não foi possível uma organização aprofundada das peças. Não esquecendo também, que o palácio actualmente tem a maior parte das suas salas preenchidas.

## ***Palácio Nacional de Mafra***

Relatório Hierárquico das patologias do edifício:  
percurso expositivo/reservas

Percurso expositivo: Piso Nobre (Paço Real) / Reservas

**NECESSITA INTERVENÇÃO URGENTE/ALTO RISCO: pág. 2-7**

**NECESSITA OBSERVAÇÃO/BAIXO RISCO: pág. 8-11**

**BAIXO RISCO: pág. 12**

**RESERVAS: pág. 13-15**

### **NECESSITA INTERVENÇÃO URGENTE**

#### ***Sala de Diana***

Camada pictórica a cair, com várias falhas (possível estabilidade na sua degradação). A sua causa mais provável provém de uma infiltração no mezanino no andar superior.

- Fig. 1: Pormenor, teto Sala de Diana
- Fig. 2: Pormenor, teto Sala de Diana
- Fig. 3: Pormenor, teto Sala de Diana



fig. 1



fig. 2



fig. 3



## Torreão Norte

Perda de camada pictórica devido a infiltração, observa-se uma sistemática degradação (fazer comparação com imagens mais antigas).

- Fig. 4: Pormenor, torreão Norte.
- Fig. 5: Pormenor, torreão Norte.
- Fig. 6: Pormenor, torreão Norte.



fig.4



fig.5



fig.6

3

- Fig. 7: Pormenor, teto do torreão Norte
- Fig. 8: Pormenor, janela do torreão Norte
- Fig. 9: Pormenor, janela do torreão Norte



fig. 7

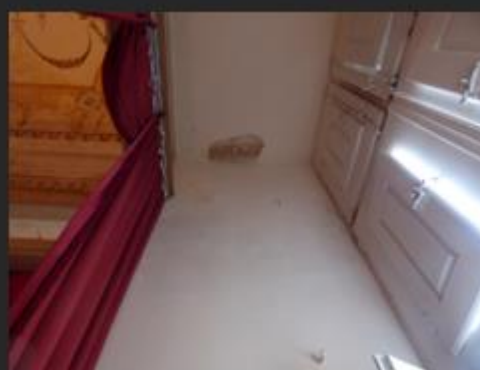


fig.8



fig. 9

4

## Torreão Norte

### Casa-de-banho

Fig. 10: *Casa-de-banho*, torreão Norte

Infiltração profunda com degradação da parede (zona interdita a visitantes).



fig.10

Fig. 11: *Casa-de-banho*, torreão Norte

Infiltração, que provavelmente provém dos mezaninos. (observar a pequena sala no piso imediatamente sobre, de forma a se localizar e tratar a infiltração).



fig.11

5

## Torreão Sul

É no torreão Sul onde se observa um maior conjunto de fissuras localizadas numa "pequena" área, especialmente nas vergas das portas/janelas e paredes. É necessário ter em conta que as fissuras de parede poderão ser apenas ao nível da camada pictórica e acabamento da parede, desta forma é necessário um estudo pontual para determinar a sua gravidade.

Figs. 12; 13; 14 – Sala Azul, torreão Sul



fig. 12 - Pormenor: fissura na verga que se prolonga pela parede.



fig. 13  
Pormenor:  
Similar à fig.  
12. Observa-se  
uma fissura  
que percorre  
todo o  
comprimento  
da parede.



fig. 14 - Pormenor: Fissura

6



### *Torreão Sul*

#### **Casa-de-banho, com banheira de D. Carlos**

Várias fissuras, na verga da porta e em especial na abóbada.

- Figs. 15 e 16 - Torreão Sul, Casa-de-banho  
Fissura no teto.
- Fig. 17- Torreão Sul, Casa-de-banho  
Fissura na verga.



fig.15



fig.16



fig.17

7

### **NECESSITA OBSERVAÇÃO**

- Fig. 18: Sala de jogos: degradação da tijoleira
- Fig. 19: Sala Napoleão
- Fig. 20: Sala Napoleão (?)



fig.18



fig.19



fig.20

8

### *Sala da Caça/Sala de Jantar*

- Fig. 21- Pormenor: Fissura, *Sala da Caça*  
Fissura visível nos dois lados da parede, ao lado das ombreiras das portas.
- Fig. 22 - Pormenor: Fissura *Sala de Jantar*



fig. 21



fig. 22

9

- Fig. 23 e 24 - Pormenor: fissura, *Sala da Guarda*  
Fissura que percorre todo o comprimento da verga.

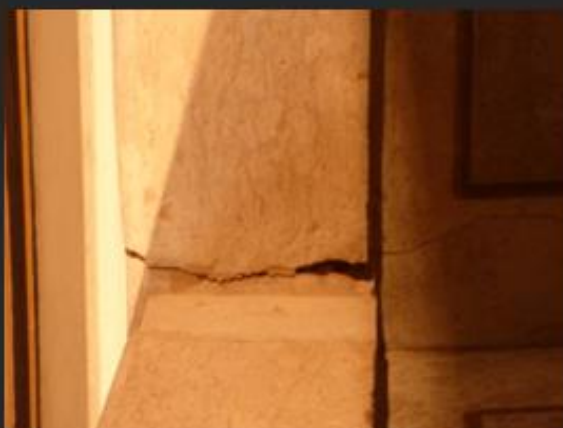


fig.23



fig.24

10

### *Sala da Bênção*

- Fig. 25  
Infiltração não localizada.
- Fig. 26 - Pormenor: criação de estalactite proveniente da infiltração.



fig.25



fig.26

11

## **BAIXO RISCO**

### *Sala da Caça*

- Fig. 27: Pormenor (sala da Caça)

O problema não se encontra no dano existente na madeira, mas na quantidade de resíduos que se continuam a acumular no seu interior.



fig.27

12

## RESERVAS

As reservas, mesmo não fazendo parte do percurso expositivo, são espaços a tomar em consideração. É de notar que a sua localização ainda está denominada como "temporária".

Apenas são referidas duas das reservas (sem contar com vários espaços de arrumações) do palácio, visto que a casa da fazenda é a que se encontra em melhores condições, sendo que não foram encontrados problemas e patologias ao nível estrutural, excluindo-se assim deste relatório. As reservas de pintura e de escultura são os que apresentam os problemas mais significativos.

### Reserva de Pintura



fig.28

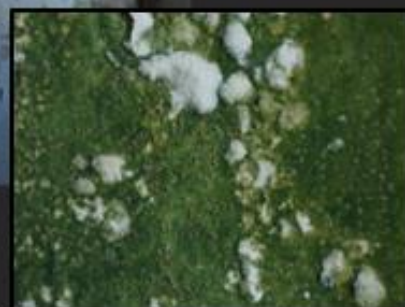


fig.29

13



fig.30 - Chaminé, Reserva de Pintura.



fig.31: Pormenor. Seguimento da Chaminé Reserva de Pintura.



fig.32 - Pormenor: Fissura a meio da verga, reserva de pintura.



fig.33 - Janela, reserva de Pintura.

14



## Reserva de Escultura



Fig. 34 - Reserva de escultura

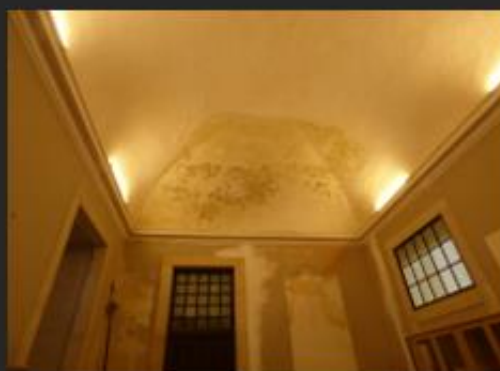


Fig. 35 - Infiltração na reserva de escultura



Fig. 36 - Sala adjacente à reserva de escultura



Fig. 37 - Fissura, Reserva de escultura

15

Nota: Para melhor observação das fotografias e observação de outras patologias não registadas, observar-se álbum de fotografia.

16

# 1ª Fase do Relatório Hierárquico das Patologias do Edifício: Núcleo de Arte Sacra e Núcleo Conventual

## Palácio Nacional de Mafra

Relatório hierárquico das patologias do edifício  
Percurso Expositivo: Convento

### NÚCLEO DE ARTE SACRA | NÚCLEO CONVENTUAL

- **NECESSITA INTERVENÇÃO URGENTE/ALTO RISCO: PÁGS. 2-5**
- **NECESSITA INTERVENÇÃO /MÉDIO RISCO: PÁGS. 6-10**
- **NECESSITA OBSERVAÇÃO/BAIXO RISCO: PÁG. 11**
- **BAIXO RISCO: PÁG. 12**

O núcleo de Arte Sacra não aparenta grandes danos ao nível do edifício, com algumas exceções. Existem algumas fissuras espalhadas esporadicamente pelas salas e umas pequenas infiltrações. Danos na pintura em forma de "rachas" e "quedas de tinta", que desprotege a parede e, se não intervencionadas possibilitam a contínua degradação da parede. A existência de teias de aranha indica uma necessidade de limpeza (certos locais como o topo das celas não foi possível observar, mas pressupõem-se que tenha uma grande camada de pó. Outro facto a considerar, mas comum pelo palácio, é os danos nas janelas: não estão calafetadas, danos na madeira, manchas de escorrimento e estragos na madeira.

### NECESSITA INTERVENÇÃO URGENTE/ALTO RISCO

#### Enfermaria

- Infiltração na última janela à direita e nas paredes adjacentes; queda de tinta e estuque e aparecimento de matéria biológica no nicho da janela (fungo/bolor? - necessita de observação aproximada).
- O pendículo apresenta manchas de infiltrações (activas ou não) mas, sem aparente, matéria orgânica. Queda de reboco após o nicho da janela.
- Pequena sacristia/dispensa apresenta infiltrações na parede do lado do pendículo, é possível ser a continuação da mesma infiltração.

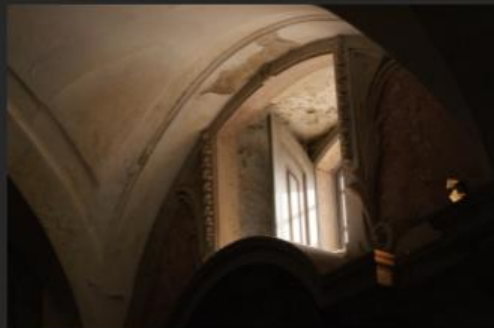


Fig. 1 - Janela à direita do altar, sobre a porta para o terraço.



Fig. 2 - Pormenor: Perda de estuque em frente à janela.

2





Fig. 3 – Penduculo, degradação e matéria orgânica



Fig. 4 Pormenor: Penduculo, degradação e matéria orgânica.

3

- **Fig. 5 - Pormenor: Penduculo - manchas de humidade.**

Manchas em todo o comprimento do penduculo, necessário um estudo pontual para conhecer-se se a infiltração está activa.

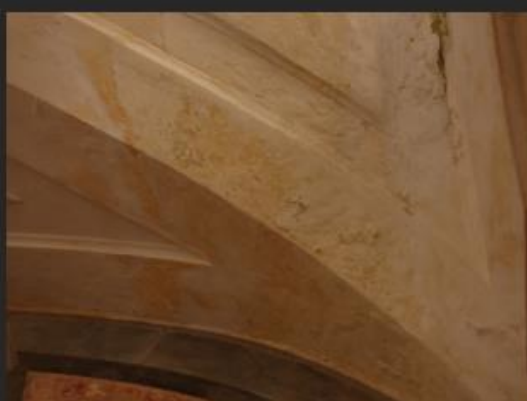


Fig. 5

- **Fig. 6 - Pormenor: Parede do lado do penduculo com manchas de humidade**

Manchas de humidade na "dispensa" à direita, possibilidade de ser a mesma infiltração que se observa no penduculo.



Fig. 6

4



Fig. 7

#### Porta para o terraço:

Corrosão e deformação da tranca. Desaparecimento do encaixe na soleira.

- **Fig. 7-** Pormenor: Porta para o terraço debaixo da janela da fig.1.

Buraco nas portas na zona de junção destas e tranças de ferro danificadas, principalmente a da direita com sinais de corrosão e torção. Cantaria também danificada.

*Nota:* Fácil entrada de pragas e problema para o controle de temperatura, humidade e poluição.



Fig. 8

- **Fig. 8 –** Pormenor: Porta para o terraço – debaixo da janela da fig.1.

5

### NECESSITA INTERVENÇÃO/MÉDIO RISCO

#### *Sala dos armários fradescos*

Fissuras nas padieiras das portas e friso

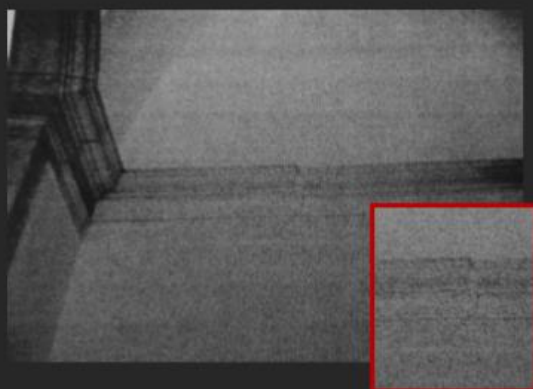


Fig. 9 – Pormenor: Palácio Nacional de Mafra, Estudo de Recuperação e Revitalização, IPPAR, Junho de 1994



Fig. 8 – Sala dos armários fradescos

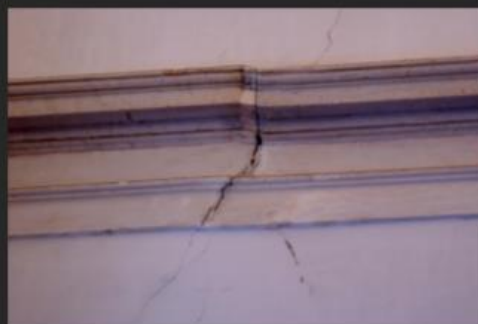


Fig. 9 - Pormenor: Sala dos armários fradescos, Fissura

6

## Cozinha

Apresenta uma fissura vertical na parede por cima da porta. E manchas de humidade.

- Fig.12 – Cozinha: Parede com ligação para o saguão, manchas de humidade
- Fig.13 – Cozinha: Parede Sul, manchas de humidade
- Fig.14 – Cozinha: Parede Norte, manchas de humidade



Fig. 12 – Cozinha, parede Sul.



Fig. 13



Fig. 14

7

## Quartos do enfermeiro e cozinheiro

Fissuras ao longo da abóbada, fracionando-se para os quatro cantos.  
Necessita observação para analisar a gravidade e capacidade evolutiva. necessário definir se as fissuras afetam a estrutura da abóbada.



Fig. 15

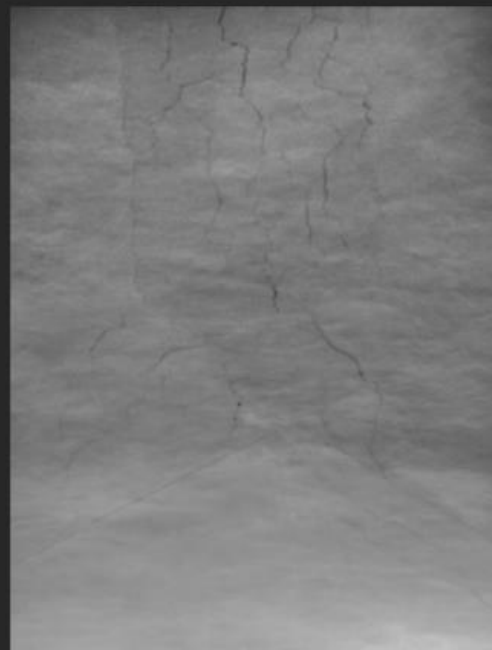


Fig. 16

8



Fig. 17 - Quartos do enfermeiro e cozinheiro, fissura na verga



Figs. 18 e 19

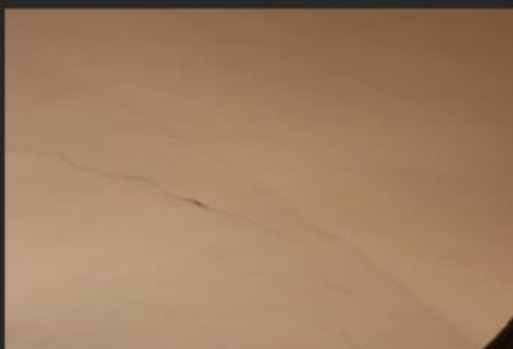
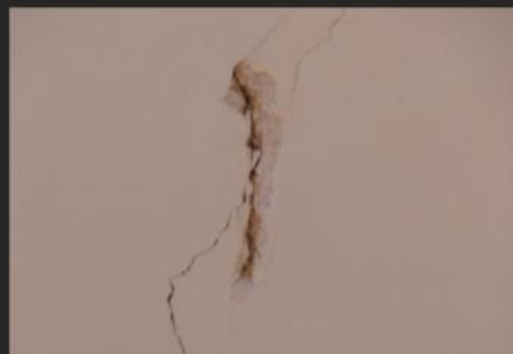
18. Pormenor: Quartos do enfermeiro e cozinheiro, fissura no entablamento da entrada para a cozinha.

19. Pormenor: Quartos do enfermeiro e cozinheiro, janelas dos tabicos. (falta de limpeza - sem risco)

9



Fig. 20, 21 e 22 - Pormenor de alto contraste: Fissuras no teto dos quartos do enfermeiro e cozinheiro



10

## NECESSITA OBSERVAÇÃO/BAIXO RISCO

### *Enfermaria* Painéis/Parede

- Fig. 23 - Enfermaria

Marcas de humidade e infiltrações, possivelmente de "problemas" já resolvidos (água retida pelas paredes em processo de "secagem") Fig.14



Fig. 23 - Enfermaria

- Fig. 24 - Pormenor de escorrimentos

Tratamento das janelas e panos de janelas (comum no edifício)  
Ver as que estão em pior estado.



Fig. 24 - Pormenor de escorrimentos

11

## BAIXO RISCO

- Fig.25 - *Blinders*, núcleo de arte sacra  
Revisão dos *Blinders*.



Fig. 25

- Fig. 26 - Pormenor: Teias de aranha, Boticário.

Limpeza de Teias de aranha (Comum em vários pontos do palácio, especialmente os menos acessíveis/altos)



Fig. 26

12